

A NEWARK DE PHILIP ROTH

Caio Henrique Trentini Urbano
2023

CAIO HENRIQUE TRENTINI URBANO

A Newark de Philip Roth

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e
Turismo da Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Relações Públicas

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Urbano, Caio Henrique Trentini
A Newark de Philip Roth / Caio Henrique Trentini
Urbano; orientador, Paulo Roberto Nassar de Oliveira. -
São Paulo, 2023.
59 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São
Paulo.
Bibliografia

1. Novas Narrativas. 2. Philip Roth. 3. Newark. I. de
Oliveira, Paulo Roberto Nassar. II. Título.

CDD 21.ed. -
302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Carol, por todo o apoio, incentivo e amor que me dá desde sempre.

Ao meu pai, Tiago, pelo carinho, pelos conselhos e por ter proporcionado as condições para que eu me dedicasse exclusivamente aos estudos.

Aos meus avós, Bernadete e Antônio, por todo cuidado que tiveram e ainda têm comigo. Sem vocês, eu jamais teria chegado até aqui.

Ao restante dos meus familiares, em especial aos meus padrinhos Cleusa, Luiz Carlos e Rafaela, por sempre fazerem parte da minha vida.

À minha namorada, Júlia, por ter me feito enxergar o mundo com outros olhos.

Aos meus amigos de Amparo, de Vinhedo e de São Paulo, por me acompanharem em toda a minha trajetória até aqui.

À Universidade de São Paulo e à Escola de Comunicações e Artes, um ambiente de excelência que me desafiou, me acolheu e me formou.

Ao meu professor, orientador e amigo Dr. Paulo Nassar, pelas aulas, conversas e pela liberdade na escolha do tema e na realização deste trabalho.

Aos meus professores do Colégio Villa Lobos e do Novo Anglo Vinhedo, em especial ao professor Sidney Aguilar Filho, pela dedicação e paciência.

E aos meus colegas da ECA, por termos passado juntos os quatro anos desta graduação, mesmo que dois deles à distância.

“Porque não sabemos, não é? *Todo mundo sabe...* Como é que as coisas acontecem do jeito que acontecem? O que está por trás da anarquia da sequência de eventos, as incertezas, os infortúnios, a incoerência, as irregularidades chocantes que definem os assuntos humanos? *Ninguém sabe*, professora Roux. “*Todo mundo sabe*” é a evocação do clichê e o início da banalização da experiência, e a seriedade e o tom de autoridade que as pessoas adotam ao repetir esse clichê é o que é mais insuportável. O que sabemos é que, ao contrário do que diz o clichê, ninguém sabe nada. *Não se pode saber nada*. As coisas que você *sabe*, você não sabe. Intenção? Motivo? Consequência? Significado? É surpreendente, quantas coisas desconhecemos. Mais surpreendente ainda é o que se passa por conhecimento.”

(Philip Roth, *A Marca Humana*, 2002)

RESUMO

Este trabalho oferece uma análise de diferentes narrativas a respeito de um mesmo objeto, a cidade de Newark, em Nova Jérsei, nos Estados Unidos. A partir das narrativas literárias estabelecidas na obra do escritor Philip Roth, nascido em Newark; da história real da cidade; e das narrativas veiculadas pela Philip Roth Personal Library, que abriga o acervo pessoal de Roth; é realizada uma investigação de cunho narrativo. Essa análise é baseada em conceitos como o de memória coletiva e o da narratologia, que se relacionam com os estudos contemporâneos no campo da comunicação e das Relações Públicas. É considerado, também, o potencial dos acervos pessoais como promotores de narrativas. Este trabalho apresenta uma entrevista realizada com a coordenadora do acervo de Philip Roth, Nadine Giron, e a bibliotecária Nancy Shields. Por fim, é tecido um panorama geral das narrativas analisadas a respeito da cidade de Newark, promovidas nestes três meios – literário, histórico e comunicacional.

Palavras-chave: Novas narrativas; Philip Roth; Newark; Philip Roth Personal Library; Memória.

ABSTRACT

This work offers an analysis of different narratives regarding the same object, the city of Newark, in New Jersey, in the United States. Based on the literary narratives established in the work of writer Philip Roth, born in Newark; the real history of the city; and the narratives conveyed by the Philip Roth Personal Library, which houses Roth's personal collection; a narrative investigation is carried out. This analysis is based on concepts such as collective memory and narratives, which are related to contemporary studies in the field of communication and Public Relations. The potential of personal collections as promoters of narratives is also considered. This work also presents an interview with Philip Roth's collection coordinator, Nadine Giron, and librarian Nancy Shields. Finally, a general overview of the narratives analyzed regarding the city of Newark, promoted in these three media – literary, historical and communication – is presented.

Keywords: New narratives; Philip Roth; Newark; Philip Roth Personal Library; Memory.

LISTA DE IMAGENS

IMAGENS

Imagen 1: Herman e Bess Roth, com seus filhos Philip, à esquerda, e Sanford, à direita.....	17
Imagen 2: A casa de infância de Philip Roth, em Newark.....	18
Imagen 3: Weequahic High School, a escola em que Philip Roth estudou, em meados do Século XX.....	23
Imagen 4: Philip Roth visita Newark em 1968, um ano após as revoltas que transformaram a cidade.	24
Imagen 5: Estação de trem em Newark, 1911. A riqueza da cidade na época é demonstrada pelas construções, pelas vestimentas e pela presença de carros, ainda no início da década de 1910.	26
Imagen 6: Gráfico da demografia étnica da Cidade de Newark, com base no Censo Federal dos EUA.....	27
Imagen 7: Capa da Revista Time de 21 de julho de 1967, com a foto do taxista agredido pela polícia, o afro americano John Smith.....	29
Imagen 8: Jovem afro americano é confrontado pela força policial de Newark durante os protestos.....	30
Imagen 9: Militares desfilam pelas ruas de Newark, em 15 de julho de 1967.....	30
Imagen 10: Bombeiro apaga fogo em edifício. O incêndio teve início a partir de uma bomba lançada pelos manifestantes, em 14 de julho de 1967.....	31
Imagen 11: Estantes cheias de livros de Roth em seu Acervo Pessoal, em Newark.....	43
Imagen 12: Máquina de escrever da Olivetti, utilizada por Roth, e que faz parte de seu acervo pessoal.....	44
Imagen 13: Edição anotada por Roth de seu próprio livro, <i>Pastoral Americana</i> , que está em exposição na Philip Roth Personal Library.....	44
Imagen 14: Álbum feito pela mãe de Philip, Bess Roth, com trechos de jornal que falam sobre o escritor, e que também está em exposição no seu acervo pessoal.....	45
Imagen 15: Itens pessoais de Roth em exposição, como Prêmio Nacional de Humanidades que ele recebeu do então Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em 2011.....	45

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. As Narrativas.....	13
2.1 As Narrativas na Comunicação	13
2.2 As Narrativas e a Memória.....	14
3. Philip Roth.....	17
4. Newark.....	26
4.1 A formação de Newark.....	26
4.2 As Revoltas de 1967.....	28
5. As narrativas de Newark na literatura de Philip Roth.....	34
5.1 A Newark da década de 1940.....	34
5.2 A Newark da década de 1920.....	36
5.3 A Newark da segunda metade do Século XX.....	39
6. A Philip Roth Personal Library.....	43
6.1 Os arquivos pessoais como fonte de narrativas.....	47
7. Entrevista com Nadine Giron e Nancy Shields.....	49
8. Considerações Finais.....	58
Referências.....	59



Introdução

1. Introdução

A temática deste trabalho de conclusão de curso, que foge do convencional em graduações em comunicação, é profundamente ligada com a literatura. E, mais do que isso, é ligada a um interesse pessoal e à apreciação por um autor: Philip Roth. A ideia central, que é delineada ao longo de todo o texto, é a de promover uma correlação - ou, ao menos, uma exposição - entre diferentes narrativas acerca de um mesmo objeto: a cidade de Newark, nos EUA, onde Philip Roth nasceu.

Os capítulos visam a construção de uma percepção geral, que é interligada precisamente pela cidade de Newark. Na primeira parte, é realizada uma breve fundamentação teórica dos estudos narrativos, bem como sua inserção no campo da comunicação, além de considerações sobre memória coletiva e individual, essenciais para este trabalho.

Já o segundo capítulo fornece uma biografia pessoal e literária de Philip Roth, que é carregada de sentidos autobiográficos e profundamente ligada à cidade natal do autor. Em seguida, é realizada uma contextualização histórica do município de Newark, que além de crucial para a compreensão narrativa aqui pretendida, é interessante também como fonte de reflexão sobre temas como racismo, imigração e marginalização social.

O quarto capítulo promove uma reunião de descrições narrativas literárias sobre Newark em diferentes épocas nos livros de Philip Roth: a cidade nas décadas de 1920 e 1940, no pós-guerra e na segunda metade do Século XX. Já o quinto capítulo trata do acervo pessoal do escritor, a Philip Roth Personal Library, construído na Biblioteca Municipal de Newark, e parte da consideração dos acervos pessoais como construtores de narrativas.

No sexto capítulo é apresentada uma entrevista, realizada para este trabalho, com Nadine Giron, coordenadora da Philip Roth Personal Library desde sua inauguração, e com a bibliotecária e jornalista aposentada Nancy Shields. Elas expõem seus pontos de vista sobre as narrativas de Newark construídas por Roth em seus livros e sobre as narrativas contemporâneas veiculadas pelo acervo pessoal do escritor.

Nas considerações finais, apresenta-se a síntese do que se delineou ao longo de todo o texto. O que se espera é que, ao fim da leitura deste trabalho, seja possível a compreensão das várias dimensões narrativas que podem ser realizadas sobre um mesmo objeto narrado. Neste caso, sobre a cidade de Newark, no estado de Nova Jérsei, nos Estados Unidos da América.

As Narrativas

2.1 As Narrativas na Comunicação

O estudo das narrativas é cada vez mais presente no campo da comunicação. Essa presença é constatada por diversos trabalhos que dialogam com a dimensão comunicativa do narrar, e efetivamente com as narrativas produzidas no processo comunicativo, principalmente no âmbito da comunicação organizacional.

Esse é o caso, por exemplo, do trabalho de Nassar, Tamura e Pomarico (2019): “Novas narrativas de relações públicas: transformadoras para uma sociedade mais inclusiva e humanizada”. Nele, os autores discutem como as narrativas podem causar impacto na comunicação, promovendo um ambiente mais humanizado e harmônico. Outra importante referência nesse sentido é “Velhas e novas narrativas” (Nassar; Pomarico, 2012), que analisa o caráter funcional das narrativas como uma forma de combate à comunicação acelerada e à obesidade informational características da contemporaneidade.

Trabalhos como “Narrativas em comunicação organizacional e interações com a memória” (Nassar; Cogo; 2012), “Novas narrativas e memórias: olhares epistemológicos” (Nassar, 2016) e “Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia” (Nassar; Farias; Pomarico, 2019) também consideram a dimensão narrativa da comunicação, mas introduzem outros elementos das ciências humanas na sua concepção: o conceito de memória e de rituais. A relação estabelecida entre estes dois conceitos orienta ainda mais os estudos da comunicação, já que tanto a memória quanto o ritual detém dimensões narrativas (Nassar; Farias, 2018). Assim, se torna central – o ponto de união teórica e prática – nas ciências da comunicação o estudo das narrativas.

O termo “narrativa”, por ser amplamente utilizado no cotidiano – até mesmo com sentidos depreciativos, como se vê no atual cenário político brasileiro – necessita de uma definição específica. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, a palavra “narrativa” pode ser definida como:

1. Ação, efeito ou processo de narrar, de relatar, de expor um fato, um acontecimento, uma situação (real ou imaginária), por meio de palavras; narração.
 2. Texto popular; conto, caso.
 3. [Literatura] Texto em prosa cujos personagens figuram situações fictícias, imaginárias; ficção.
 4. [Literatura] Reunião das obras de ficção, de um autor, de uma época, de um país etc;
 5. Maneira de narrar, de contar alguma coisa.
- (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/narrativa/>)

Para o filósofo francês Paul Ricoeur, a narrativa organiza a experiência no tempo e no espaço (Ricoeur, 1994). Para além de uma forma de relatar um acontecimento ou uma história, a narrativa ganha novas e importantes dimensões: a de organizadora das experiências, pessoais e coletivas. Em suas diversas manifestações, que se voltam para inúmeros sentidos humanos – desde a literatura às conversas rotineiras – a narrativa está sempre presente.

2.2 As Narrativas e a Memória

As descrições de Philip Roth em seus romances fornecem ao leitor uma narrativa de sua cidade natal que atravessa gerações, já que ela é a ambientação da maior parte de suas obras em diferentes épocas. Sua narrativa literária contrasta com os fatos reais, com a história da cidade que por ele é narrada. E, além deste contraste, surge mais uma fonte de narrativas: as promovidas pela Philip Roth Personal Library, seu acervo pessoal, que também se encontra na cidade de Newark e abriga uma parte de sua história a partir da coleção de livros e objetos do autor.

Para a fundamentação teórica desta análise narrativa, são necessárias algumas considerações. Uma delas é justamente o conceito de memória – coletiva e individual -, que deve ser sempre mantido em mente, já que boa parte das temáticas e das descrições presentes nas obras de Philip Roth possuem uma dimensão pessoal, ou autobiográfica, mesmo que o autor a renegue em alguns momentos. Sua criação na cidade de Newark, no bairro judeu em que sua família vivia - que será melhor abordada nos capítulos seguintes deste trabalho - é carregada de memória coletiva (Halbwachs, 1990).

Segundo o francês Maurice Halbwachs, a memória, mesmo que aparentemente individual, possui um sentido coletivo, pois ela é impactada pelo contexto em que essas memórias foram estabelecidas. Ou seja, a própria construção da memória se relaciona com o coletivo: através dos grupos, comunidades e ambientes em que o indivíduo se insere.

As comunidades afetivas, em que os sujeitos se inserem social e culturalmente, constituem uma parte fundamental na memória (1990, p.34). No caso das obras de Philip Roth, um dos objetos de estudo deste trabalho, é fundamental considerar precisamente este impacto da comunidade na memória. E, para além da análise das narrativas literárias que serão realizadas, o conceito de Halbwachs também se aplica no estudo das narrativas promovidas pelo acervo pessoal do autor, como se verá mais adiante.

A metodologia de análise das narrativas se baseia, em grande medida, nos autores da linguística, principalmente os estruturalistas, como Todorov (2003) e Roland Barthes (2011). Estes autores foram pioneiros ao considerar, no meio dos estudos literários, os sentidos da

própria narrativa. Ou seja, um estudo narratológico pretende abordar as estruturas pelas quais as narrativas são estabelecidas.

Apesar de relacionado primordialmente à linguística, os estudos narrativos se aplicam às ciências da comunicação. A existência da narrativa em inúmeros âmbitos humanos é indicada por Barthes:

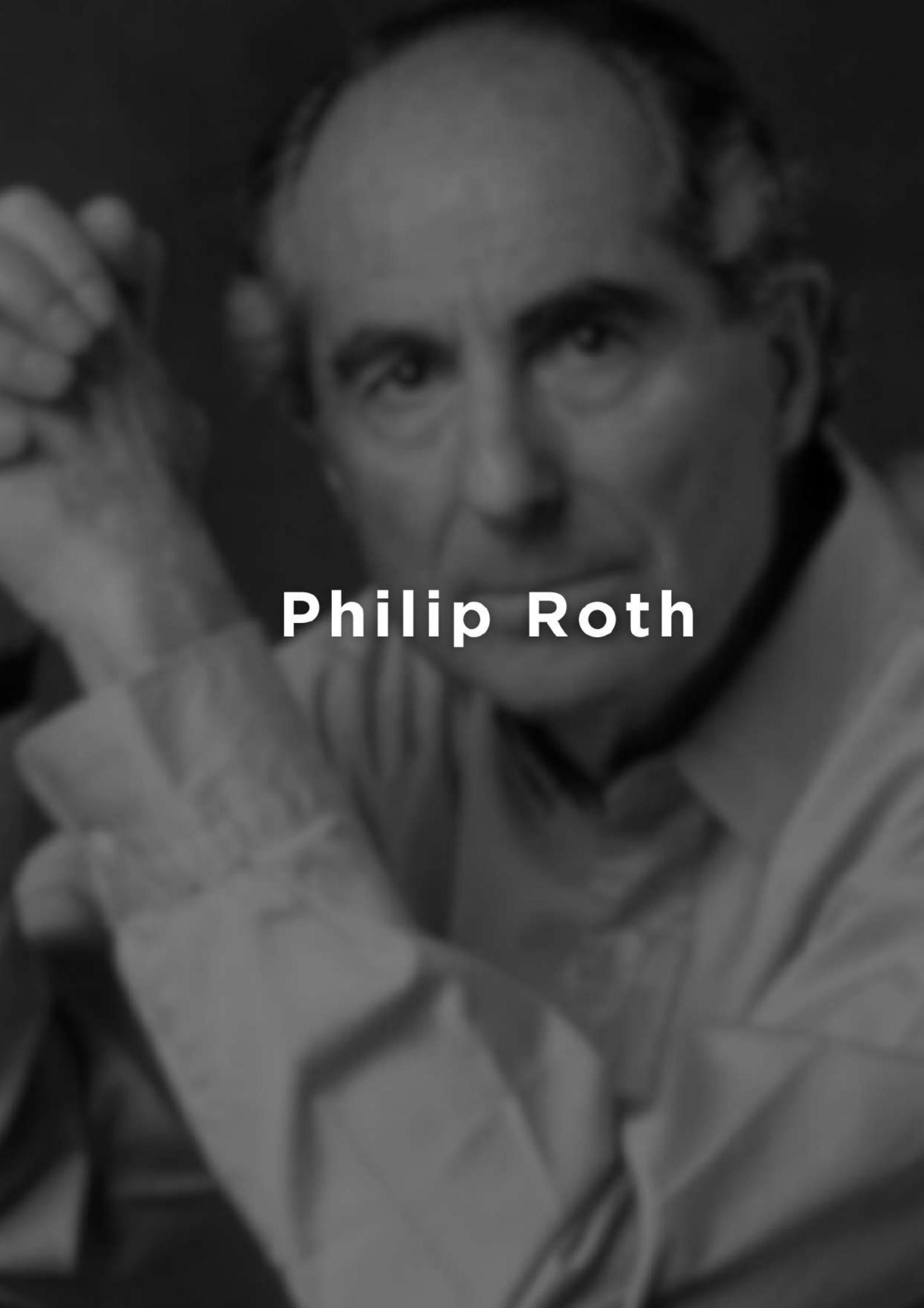
A narrativa está presente em todos os lugares, em todas as sociedades; não há, em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas por homens de cultura diferente [...] a narrativa está aí, com a vida.
(Barthes apud Nassar; Cogo, 2012 p. 104)

Quando as narrativas literárias, históricas e comunicativas são relacionadas, como é pretendido neste trabalho, a consideração da participação da memória ganha ainda mais destaque na análise do ato de narrar, pois:

Edwald fala que, ao enfatizar a conexão entre narrar e lembrar, há uma exposição da “ligação intrínseca que há entre a memória, narrativa oral e ação social”. A história é construída socialmente, através de uma interação, nos momentos de espacialização, por meio da voz, do corpo e das interações.
(Nassar; Cogo, 2012 p. 104)

Portanto, é fundamental considerar que, enquanto descrevia sua cidade natal em seus romances – desde a cultura local, a vivência dos habitantes, o urbanismo, a arquitetura e o folclore criado em torno de Newark – Roth recorria à sua memória, construída a partir do coletivo que o cercava. A construção social da história, neste caso, se reverbera na literatura do autor.

E, mais do que isso, as narrativas estabelecidas nas suas obras de ficção contribuem para a percepção contemporânea que se tem da cidade e participam da construção da memória coletiva atual. Para além da dimensão literária, seu acervo pessoal também promove novas narrativas sobre a cidade de Newark - baseadas nas experiências do autor, na sua coleção e, principalmente, nas atividades promovidas pela Philip Roth Personal Library, que têm como objetivo justamente a construção dessas narrativas.



Philip Roth

3. Philip Roth

Philip Roth nasceu em Newark, Nova Jérsei, no dia 19 de março de 1933. Sua biografia pessoal, bem como sua carreira literária, se confunde com a história de sua cidade natal e com o próprio Século XX norte-americano. Roth é muitas vezes categorizado como um escritor de literatura judaica, por apresentar a temática dos judeus imigrantes no Estados Unidos da América. Entretanto, o autor nega essa categorização. Para ele, sua principal temática é justamente os EUA, suas questões culturais e sociais.

Apesar da recusa do autor, a colocação de Roth como um escritor judeu não é desmedida à primeira vista. Os sentidos autobiográficos de suas obras são evidentes, e percorrem toda a extensão de seus trabalhos, que somam mais de 30 livros de ficção. Sua história pessoal, sua condição enquanto neto de imigrantes europeus de origem judaica, enquanto homem, fruto de seu tempo, é a pedra fundamental no percurso de seus trabalhos.

A constituição de sua literatura baseada em experiências pessoais é evidenciada, para além da frequente ambientação das histórias em sua cidade natal, como veremos mais detalhadamente, na criação de um de seus principais personagens: seu *alter ego*, Nathan Zuckerman, cuja construção é desenvolvida em *Zuckerman Acorrentado* (2011), e que está presente em diversos romances do autor como narrador.

Philip Roth é a segunda geração nascida nos Estados Unidos da América de uma família de imigrantes judeus do Leste Europeu. Bess e Herman Roth, formavam, junto aos seus filhos Sanford e Philip Roth, uma convencional família de classe média norte-americana na primeira do Século XX. Herman era um profissional liberal, que trabalhava como corretor de seguros, e Bess era, como a maior parte das mulheres da época, dona de casa. A criação do autor baseada em tradições e costumes judaicos, herdados de seus antepassados europeus e continuados em território americano, foi fundamental no desenvolvimento do autor e é determinante nas suas temáticas.

Imagem 1: Herman e Bess Roth, com seus filhos Philip, à esquerda, e Sanford, à direita.



Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/05/22/obituaries/philip-roth-dead.html>

Além da influência dos costumes religiosos e familiares da infância de Roth em suas obras, a sua experiência enquanto jovem nascido e criado em Newark moldou seus futuros trabalhos. Como afirma Nancy Shields, jornalista aposentada que trabalha na biblioteca da cidade de Newark e que concedeu uma entrevista - cuja totalidade será apresentada - para realização deste trabalho, Philip Roth era “apaixonado” pela sua cidade natal. Seu bairro de infância, Weequahic, possui grande importância narrativa em alguns de seus romances, como *Casei com um Comunista* (2000), *Pastoral Americana* (1998) e *Nemesis* (2011).

Imagen 2: A casa de infância de Philip Roth, em Newark.



Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/05/23/nyregion/philip-roth-newark.html>

A carreira literária de Roth teve início com a publicação do livro *Adeus, Columbus* (2006), em 1959, quando o autor tinha 26 anos - que lhe rendeu o National Book Award, importante premiação da literatura nos Estados Unidos, logo em sua obra de estreia. Composta por uma novela, que dá nome ao livro, e por um conjunto de cinco contos, a primeira aparição do autor ao público deu o tom do que sua obra viria a se tornar.

Na novela, Neil Klugman, um rapaz de 23 anos, é membro de uma convencional família judaica de Newark, mora com sua tia e trabalha na biblioteca da cidade. Ele conhece Brenda Patimkin em um clube nas férias de verão, uma moça cuja família também é judia e nascida em Newark, mas que teve uma elevada ascensão econômica e social a partir da empresa de seu pai, que produzia pias de mármore. A relação entre Niel - que pode ser interpretado também como um personagem com origens autobiográficas de Roth – e Brenda é a principal dimensão da obra.

Adeus, Columbus retrata a vida dos judeus nos EUA, tanto nas famílias de classe média, como a de Neil, como nas de classe alta, como a de Brenda, que se muda de Newark – até então um reduto de imigrantes - para uma cidade rica, cuja maioria da população é composta por famílias americanas tradicionais e com elevado status social. As diferenças no cotidiano das duas famílias são gritantes, apesar da mesma origem e da mesma religião. A presença, por exemplo, de uma geladeira composta apenas por frutas na casa dos Patimkin – um produto perecível e caro naquela época – contrasta com a frequente preocupação da tia de Neil com os alimentos, que jamais poderiam ser desperdiçados ou apodrecerem. O relacionamento entre Neil e Brenda, é claro, não dá certo, e após o verão ambos retornam para suas realidades socioeconômicas distintas.

A primeira obra de Roth lhe rendeu a má fama entre a comunidade judaica americana que iria lhe acompanhar ao longo de sua carreira. O incomodo dos líderes religiosos e sociais das comunidades de imigrantes judeus com a exposição dos seus costumes e vida privada, apesar de ficcional, teve ainda mais gravidade dado o contexto da época, apenas 14 anos depois do Holocausto. Tanto os judeus de classe média quanto os que enriqueceram são os personagens principais de Roth logo em sua estreia como escritor.

Para além das dificuldades provenientes da sua relação com os judeus que se incomodaram com sua obra, Roth teve apoio dos principais escritores de origem judaica após sua primeira publicação: Saul Bellow, Alfred Kazin, Irving Howe e Leslie Fiedler:

Que reconheceram nele uma voz vigorosa e uma perspectiva nova – um passo adiante na saga dos judeus na América à qual eles próprios pertenciam. O modo como Roth retrata os Patimkin, em especial, foi considerado (nas palavras de Howe) “ferozmente preciso”, um reflexo verdadeiro na vacuidade espiritual (nas palavras de Bellow) que acometia um número incontável de judeus americanos de classe média. (p.25 PIERPONT).

Após a publicação de *Adeus, Columbus*, Roth produziu alguns outros trabalhos, como *Quando ela era boa* (2015), história profundamente impactada por um relacionamento amoroso traumático do autor. Mas a fama enquanto escritor só foi efetivamente atingida em 1969, com

O Complexo de Portnoy (2004), que elevou o status de Roth de autor de literatura judaica para um best-seller norte americano. Livro polêmico e bem-humorado, ainda hoje é um marco na literatura americana. Suas reflexões sexuais e onanistas, chocantes para a época, apesar da permissividade sexual da virada dos anos 1960 e 1970, ainda possuem impacto na contemporaneidade.

Trata-se de um monólogo, realizado no que seria uma sessão de terapia, de seu personagem principal: Alexander Portnoy. Um advogado judeu bem-sucedido que conta sua relação conflituosa com a mãe, suas descobertas sexuais, seus hábitos de masturbação e seus relacionamentos com as mulheres. Por se tratar de um personagem também judeu, como de praxe na literatura de Roth, fora muitas vezes confundido com o autor, como se Roth fizesse uma confissão pública de seus atos na adolescência.

A comunidade judaica, assim como no livro de estreia do escritor, também se incomodou com seu principal sucesso na época. O arquétipo da “mãe judaica” delimitado no livro, que se confunde pelos leitores com a matriarca real da família Roth, foi duramente criticado pelos judeus, que se viram mais uma vez ultrajados pelo autor. O conjunto dos romances que compõem *Zuckerman Acorrentado* (2011) - lançado em 1985 - o romance de formação do *alter ego* narrador, apresenta justamente esse conflito entre realidade e ficção vivido por Philip Roth.

Nathan Zuckerman, em sua história ficcional, escreveu um livro polêmico e com temática sexual, cujo personagem principal era Carnovsky - que possui as mesmas características de Portnoy, criado por Roth na vida real. Zuckerman vivencia o assédio popular proveniente da fama de seu livro, enfrenta os combates dos líderes judaicos e ainda tem de se explicar para sua família, que fora condenada pelos seus pares a partir da publicação de Carnovsky.

Fica claro, nestes primeiros trabalhos do autor, o caráter pessoal da obra de Philip Roth, que se relaciona especialmente com os objetivos deste trabalho. A representação de Newark em suas obras, além de ser o pano de fundo para histórias metonímicas da sociedade norte-americana, também possui um profundo caráter autobiográfico. As memórias do escritor nos seus anos de formação constituem um papel fundamental na sua obra como um todo.

Após o sucesso de Portnoy, Roth publica outros romances nas décadas de 1970 e 1980, como *O Professor do Desejo* (2013), que introduz o personagem David Kepesh, presente em outros livros do autor, além de algumas obras de não ficção, como *Os Fatos* (2016). Mas é na década de 1990 que Roth atinge, na opinião da crítica, o seu auge enquanto escritor norte-americano. Em *Operação Shylock* (2017), publicado em 1993, Roth desenvolve seu romance ficcional a partir de um acontecimento imaginado por ele em Israel em 1988, quando se deparou

com um duplo de si mesmo. O *doppelganer*, a ideia do duplo ou sósia, é um tema comum na história da literatura, e nesse caso ele é carregado das temáticas de Roth: o judaísmo, o sionismo e a questão dos judeus na América.

Em 1995, Roth publica *O Teatro de Sabbath* (1997), um marco na literatura erótica e sexual, que se desenvolve a partir da figura de Mickey Sabbath, um artista de fantoches aposentado que é viciado em sexo.

A prolífica produção de Roth na década de 1990 atinge seu auge entre os anos de 1997 e 2000, com a publicação da posteriormente chamada Trilogia da América, devido à sua similaridade temática. Composta pelos romances *Pastoral Americana* (1998), *Casei com um Comunista* (2000), e *A Marca Humana* (2002), essa série de romances tem como contexto três eras históricas marcantes na formação dos Estados Unidos da América: a Guerra do Vietnã, o Macarthismo e o polêmico envolvimento sexual do presidente Bill Clinton com sua secretária, Monica Lewinsky, entre 1995 e 1997. As três obras são narradas por Nathan Zuckerman, que em cada uma delas recorda suas experiências de formação em Newark, onde conheceu os personagens principais de seus romances.

Em *Pastoral Americana*, a história do “sueco” Seymour Levov, um astro na escola de Weehquahic, em que Zuckerman – e Roth – estudaram, em Newark, é contada pelo *alter ego* do autor, após ele descobrir seu paradeiro. Basicamente, Levov – mais um personagem judeu de família imigrante da cidade de Newark - herdou a empresa e os valores de seu pai. Em sua época de juventude, era o ídolo das crianças e o melhor atleta da região. Se casou com uma mulher *goy*, ou seja, como uma não-judia, que fora Miss na sua juventude. Rico, atlético, com excelente status social e casado com uma ex-modelo, Levov reunia todas as condições para ter uma vida exemplar.

Entretanto, como na maioria dos personagens de Roth, o *pathos* do personagem está justamente na sua expectativa de sucesso, de competência e de tradição. Sua filha, Merry, se torna uma adolescente rebelde e militante, que se revolta com o pai e com a sociedade americana por conta da Guerra do Vietnã, que acontecia entre os anos 1955 e 1975. Gága desde a infância, com uma relação conturbada com sua mãe e sempre protegida pelo pai, Merry planta uma bomba em uma agência dos correios de Newark, causando a morte de uma pessoa.

Merry então se esconde do pai e da polícia, com seu grupo militante, e só é encontrada por ele em um quarto sujo e pequeno anos depois. A filha continua com relações rompidas com o pai, que se casa novamente com outra mulher. *Pastoral Americana* também retrata a derrocada de Newark na década de 1960, e a compara com a cidade na infância de Levov, de Zuckerman e, claro, de Philip Roth.

Já em *Casei com um Comunista*, o Macarthismo é a temática principal. A caça aos comunistas nos EUA nos anos 1950, em plena Guerra Fria, acusava como traidores e subversivos todos aqueles que se alinhavam ideologicamente, na prática, ou na simples concepção do governo americano, à União Soviética. Nesse contexto, Nathan Zuckerman narra a história do irmão de seu professor de inglês na infância, o comunista e ator de rádio Ira Ringold. Ira teve uma infância complicada, fez parte do exército americano na Guerra do Irã, onde foi introduzido por um colega aos ideais comunistas, que passou a defender.

Sua carreira como ator de novelas de rádio foi meteórica, e fez com que ele se casasse com uma famosa e rica atriz, e se mudasse para uma cobertura na melhor região de Manhattan: o auge da burguesia, o oposto da ideologia comunista. A contradição entre o posicionamento político de Ira e sua necessidade de constituir uma família tradicional burguesa afetou profundamente sua vida, que é contada por Murray - o professor de inglês aposentado - para Zuckerman.

A história de Murray também se relaciona com a formação econômica e social de Newark. Diferentemente da maioria dos judeus e descendentes de imigrantes de classe média, que se mudaram para regiões mais seguras e elitizadas, principalmente após as revoltas de 1967, Murray Ringold escolheu permanecer na cidade. Como resultado, sua esposa foi morta na frente de sua casa, após uma tentativa de assalto.

O último livro da chamada Trilogia da América, *A Marca Humana* narra a história do professor universitário Coleman Silk, que é acusado de racismo e expulso da universidade em que era catedrático após utilizar o termo “spooks” para se referir a alunos que não compareciam a suas aulas. No inglês, a palavra “spook” possui duas conotações: o sentido de “fantasma”, que era o pretendido pelo professor, mas também era uma ofensa racista da época da escravidão norte-americana. Por coincidência, os alunos assim denominados eram negros, e ao serem informados do ocorrido promoveram protestos contra Silk. A questão do cancelamento, que está em voga atualmente, principalmente no contexto das redes sociais, fora apresentada por Roth ainda no início deste século.

A perseguição a Silk - de 71 anos - por seus colegas universitários só aumenta quando ele se relaciona com uma mulher muito mais jovem, uma funcionária da limpeza da universidade, após a morte de sua esposa. Além de racista, ele é acusado também de se aproveitar das mulheres com menor instrução educacional. Em meio ao caos que se torna sua vida, o personagem decide compartilhar sua história com Zuckerman, seu vizinho. Ele narra sua trajetória pessoal, que esconde um segredo determinante.

A questão da identidade, nesse caso, também se encontra no cerne na obra de Roth, já que Silk, apesar de se autodeclarar judeu e viver como um homem branco, na verdade tinha

origens negras. Na cultura norte-americana, diferentemente da brasileira, a consideração racial é proveniente dos antepassados, e não da tonalidade da pele. Ou seja, mesmo sendo um negro de pele clara, Coleman Silk escolheu esconder suas origens e viver como um homem branco judeu. Nesse caso, a sua condenação enquanto racista ganha novos contornos no romance.

A temática norte-americana continua nas obras de Roth, a partir da publicação de *Complô contra a América* (2015), livro em que o autor imagina a vitória na eleição presidencial americana de um candidato nazista em 1940. Os judeus imigrantes na América, que buscaram liberdade no novo continente durante a expansão nazista na Europa, enfrentariam novamente o antisemitismo.

Já nas suas obras seguintes, Philip Roth se volta para uma literatura mais direta, com livros mais curtos, mas nem por isso mais simples. Suas obras finais, como *Indignação* (2011), publicada em 2008, e *Nêmesis* (2011), seu último trabalho, de 2010, se concentram na finitude da vida, na impotência – sexual e de ação - e na velhice. Em *Nêmesis*, Roth fantasia uma epidemia de poliomielite na Newark dos anos 1940, que afeta diretamente as crianças da época. A trama é narrada a partir da história de Bucky Cantor, um vigoroso inspetor infantil que toma como missão defender as crianças da poliomielite, mas que na realidade se torna um vetor da doença.

Este panorama geral da carreira literária de Philip Roth demonstra diversos sentidos autobiográficos. Sua escola na infância e na adolescência, a Weequahic High School, é retratada em muitos de seus livros. O colégio foi fundamental na formação intelectual do autor, que cursou letras nas universidades de Bucknell e Chicago.

Imagem 3: Weequahic High School, a escola em que Philip Roth estudou, em meados Século XX

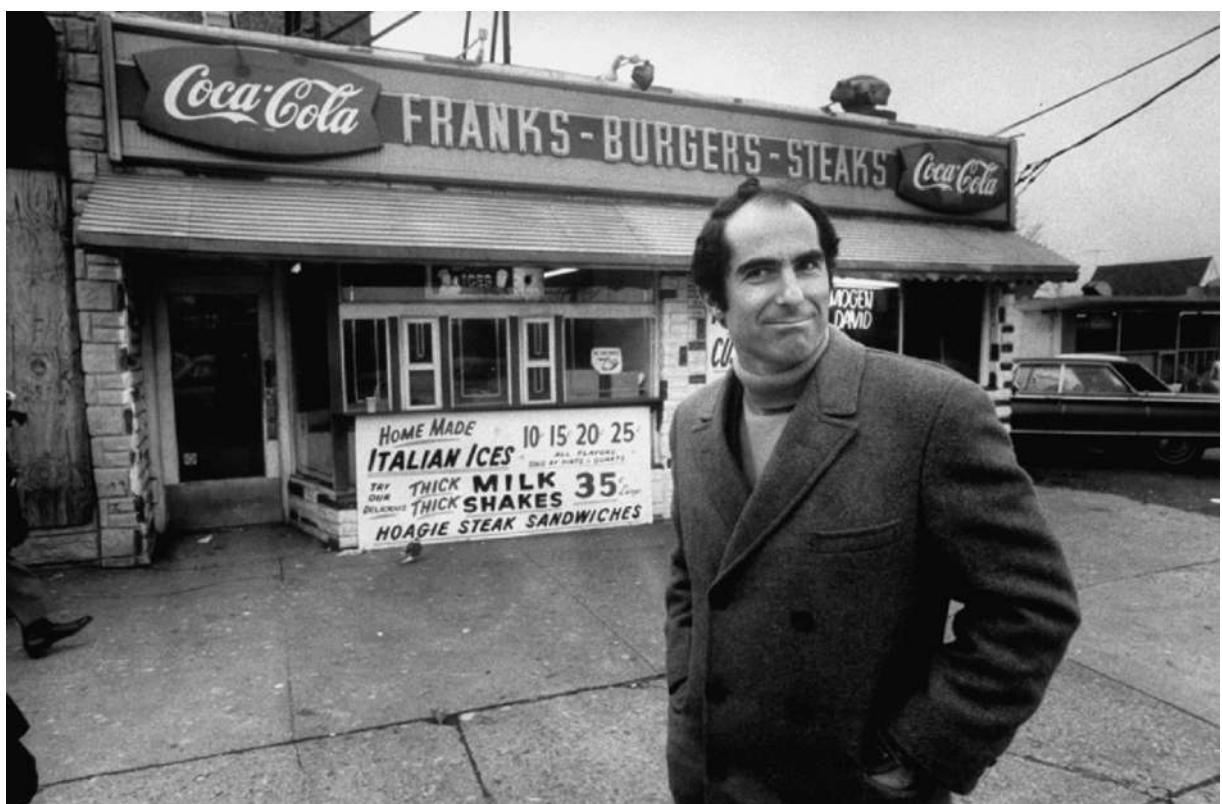


Disponível em: <https://www.city-journal.org/article/philip-roths-newark>

A família de Philip Roth, assim como a grande maioria dos imigrantes de Newark do início do século passado, se mudou da cidade devido aos problemas econômicos e sociais. Entretanto, fica claro a profunda relação do autor com sua cidade natal, tanto nas suas obras como em suas ações. A doação de seu acervo pessoal de livros para a Biblioteca de Newark e a criação da Philip Roth Personal Library no local, que será abordada ao longo deste trabalho, destaca a importância de Newark para o escritor.

Individualmente, Roth alçou grandes voos profissionais e acadêmicos por todo o país, tendo se estabelecido na cidade de Nova York, vizinha a Newark, mas suas origens sempre estiveram presentes em seu trabalho.

Imagen 4: Philip Roth visita Newark em 1968, um ano após as revoltas que transformaram a cidade.



Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/philip-roth-left-more-than-2-million-to-his-hometown-library-in-newark-n-j-11572467686>



Newark

4. Newark

4.1 A formação de Newark

A cidade de Newark, no estado de Nova Jérsei, foi fundada ainda no Século XVII, no ano de 1666. Sempre foi marcada por uma forte presença industrial, que se formou a partir da Revolução Americana, que teve fim em 1783, com a independência dos Estados Unidos da América. Devido à sua localização estratégica, Newark se tornou o local ideal para a instalação de fábricas, que produziam principalmente tecidos, couros e vestimentas. O auge da industrialização na cidade se deu no Século XIX, quando importantes patentes produtivas foram estabelecidas pelas fábricas locais.

O crescimento econômico e o desenvolvimento social, provenientes da produção fabril, aliada à localização geográfica favorável, já que Newark tem grande proximidade com a metrópole de Nova York, atraiu um grande movimento migratório de famílias vindas da Europa, entre o final dos anos 1800 e o início do Século XX. No início do século passado, a cidade era pujante, conhecida por sua intensa vida noturna, oportunidades de trabalho e desenvolvimento econômico, que atraíam cada vez mais os imigrantes que buscavam uma nova vida na América.

Imagen 5: Estação de trem em Newark, 1911. A riqueza da cidade na época é demonstrada pelas construções, pelas vestimentas e pela presença de carros, ainda no início da década de 1910.



Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/internetarchivebookimages/14756408421/>

A chegada de imigrantes europeus na cidade, que atingiu seu auge na época, era o retrato de uma cidade rica, que atingia a marca de mais de quatrocentos e quatorze mil habitantes na

década de 1920. Principalmente portugueses, judeus e italianos, as famílias de imigrantes se concentravam em determinados bairros, onde sua cultura nacional se mantinha viva.

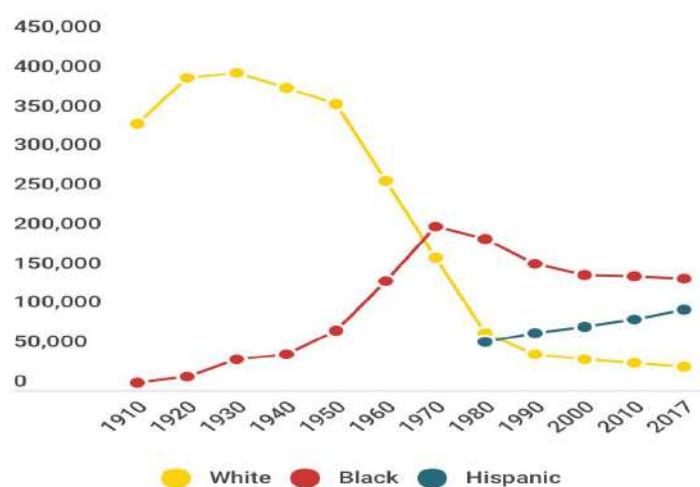
Entretanto, o vertiginoso crescimento da cidade teve fim. A fraca recuperação após a crise de 1929, que assolou a economia norte-americana, foi um dos motivos que contribuíram para sua desaceleração. Mas, para além da dimensão econômica, as transformações sociais em Newark formaram os principais aspectos da cidade em meados do Século XX. O chamado “White Flight” (Frey, 1979), ou êxodo branco, em tradução direta, que marcou diversas cidades norte-americanas, teve grande impacto no caso de Newark.

A população branca de origem imigrante, que vivia nas regiões urbanas da cidade no início dos anos 1900, aos poucos foi se mudando para subúrbios e cidades menores vizinhas. Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, que teve fim em 1945, essa fuga das famílias brancas de classe média atingiu seu auge, com o retorno dos veteranos militares que lutavam na Guerra na Europa, e que agora buscavam uma vida mais tranquila nos subúrbios, longe da agitação da cidade.

O êxodo da população branca contrastava, ao mesmo tempo, com a chegada de afro-americanos na cidade, vindos principalmente dos estados sulistas, em busca de melhores condições sociais e de trabalho. O racismo estadunidense contra a população negra, latente ainda hoje, era ainda mais presente naquela época. A chegada de afro-americanos na cidade antes dominada e habitada pelos descendentes de imigrantes europeus foi um fator fundamental para o êxodo dos brancos (1979).

O Censo dos Estados Unidos mostra com clareza a demografia étnica de Newark ao longo do Século XX:

Imagem 6: Gráfico da demografia étnica da Cidade de Newark, com base no Censo Federal dos EUA



Source: U.S. Census Bureau

Disponível em: <https://www.njspotlightnews.org/2019/09/19-09-02-newark-before-the-comeback-a-city-marked-by-white-flight-and-poor-policy/>

Em amarelo no gráfico, a população branca apresenta uma vertiginosa queda ao longo do Século XX, principalmente nos anos do pós-guerra, na década de 1950. Essa diminuição da população branca contrasta com o crescimento do número de habitantes negros, com a migração de afro americanos, representados em vermelho no gráfico. No final da década de 1960, a população de Newark, que sempre havia sido de esmagadora maioria branca, se torna de maioria negra. A consideração dos “hispânicos” só foi adotada pelo Censo norte-americano no final do século passado, e está representada na imagem pela cor azul.

4.2 As Revoltas de 1967

O ponto de virada na maioria étnica da cidade no final dos anos 1960 não foi atoa. No ano de 1967, ocorreram os chamados “Newark Riots” (Tjeltveit, 2020). Em inglês, a palavra “riot” pode ser traduzida como protesto, revolta ou manifestação. Basicamente, a população negra era marginalizada na cidade mesmo com seu crescimento demográfico e com o êxodo da população branca. A falta de empregos e de moradia digna para a população afro-americana, aliada à violência policial, cujo batalhão era composto em sua imensa maioria por agentes brancos, efervesceu os conflitos raciais em Newark. Os Estados Unidos como um todo passavam por intensos conflitos raciais, como na cidade de Los Angeles, onde ocorreu um caso de violência policial contra um jovem negro, Marquette Frye, em 1965.

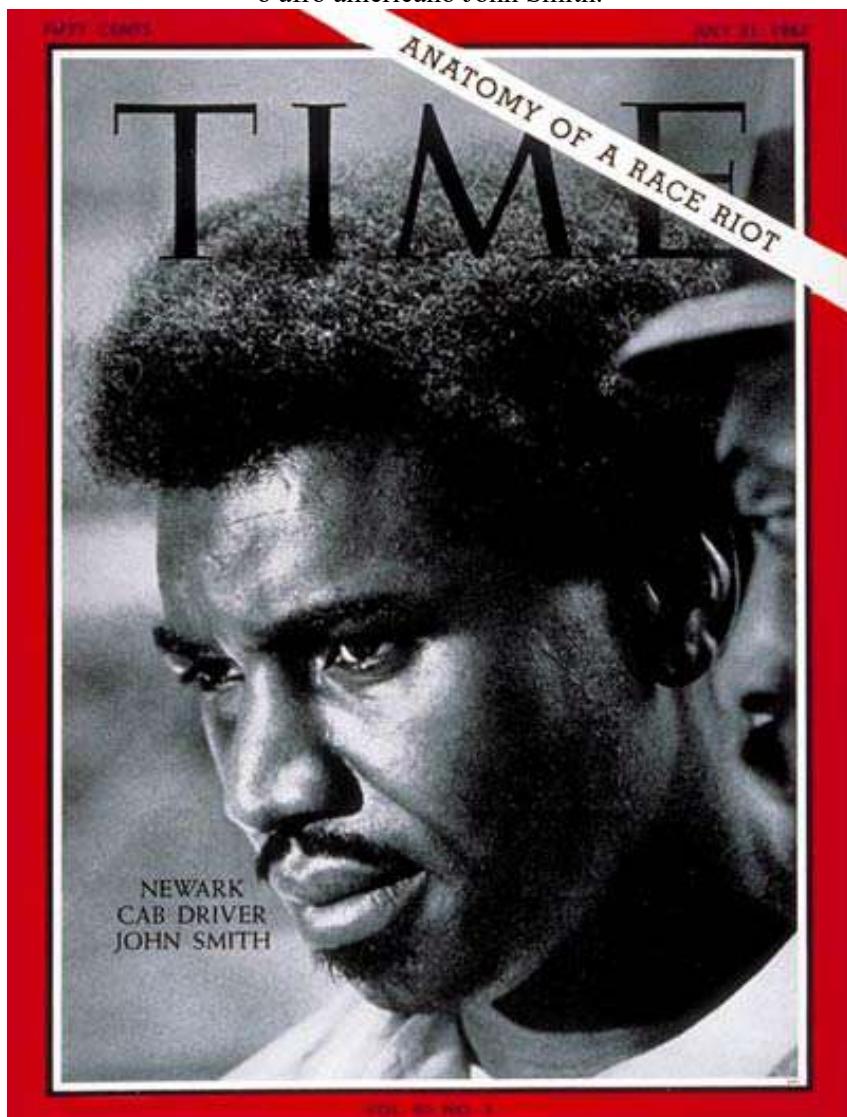
No caso de Newark, que teve uma das mais sangrentas revoltas da população negra, com 26 mortes e mais de 700 feridos segundo dados da cidade – em sua grande maioria negros, as manifestações também tiveram origem na violência policial. No dia 12 de julho de 1967, um taxista negro, migrante da região sul dos EUA, John William Smith, foi abordado por dois agentes brancos da Polícia de Newark: John DeSimone e Vito Pontrelli. A abordagem dos policiais foi violenta, que acusavam John de ter se envolvido em acidentes de trânsito.

Segundo matéria do jornalista Rick Rojas (2017) do jornal *The New York Times*, que coletou depoimentos de testemunhas e participantes dos protestos, policiais levaram John até o departamento de polícia e o agrediram. Surgiram rumores na cidade de que o taxista havia sido brutalmente espancado até a morte pelos policiais. A população de afro-americanos, ao saber da notícia, se revoltou. Foi o estopim para o início das manifestações, que eram carregadas pelas injustiças sociais, pelo racismo e pelas precárias condições sociais, de trabalho e de moradia que os habitantes negros enfrentavam em Newark.

Moradores de um grande conjunto habitacional, Hayes Homes, que ficava localizado em frente ao edifício da polícia em que o taxista foi detido, testemunharam a violência policial

e iniciaram a revolta, que só encontraria seu fim após cinco dias de protestos. Eles jogaram pedras e madeira contra o prédio em que John estava detido, invadiram e saquearam lojas da cidade e quebraram vidraças de comércios locais. As autoridades, como o prefeito de Newark na época, Hugh Addonizio, não analisaram as medidas propostas pelos manifestantes, que incluíam a suspensão dos policiais agressores e o envio de John Smith para um hospital, entendendo que os protestos não teriam força e que logo acabariam.

Imagen 7: Capa da Revista Time de 21 de julho de 1967, com a foto do taxista agredido pela polícia, o afro americano John Smith.



Disponível em: <https://time.com/4852749/1967-newark-riot/>

Mas as autoridades estavam enganadas. No dia seguinte à prisão de John, as revoltas continuaram e mais de 500 policiais municipais estavam prontos para reprimir os protestos populares, que se iniciaram com uma marcha em frente ao batalhão policial. O anúncio de um policial negro como comandante da Polícia de Newark, Lieutenat Williams, não foi suficiente para conter os protestos, já que ele viria acompanhado de outros quatro policiais brancos

nomeados comandantes, segundo depoimentos de manifestantes da época (2020). Como resultado, a revolta cresceu ainda mais, e a destruição de prédios e estabelecimentos na cidade continuou. Carros foram queimados e coquetéis molotov eram atirados pela população, que era reprimida com tiros vindos da força policial.

Imagen 8: Jovem afro-americano é confrontado pela força policial de Newark durante os protestos.



Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/07/11/nyregion/newark-riots-50-years.html>

Nos dias seguintes, os manifestantes continuaram com a onda de revoltas. O prefeito de Newark, então, pediu reforço de tropas militares da Polícia Estadual de Nova Jérsei, que tinham um poder arsenal mais forte do que a Polícia Municipal. Como resultado, a repressão se tornou ainda mais violenta, bem como as atitudes da população contra a violência cada vez maior dos policiais. No dia 14 de julho, ocorreu a primeira e única morte de um policial em decorrência dos protestos: o investigador Frederick Toto foi atingido por um tiro, vindo de um prédio, enquanto patrulhava pelas ruas da cidade. Como resultado, mais de 200 agentes atiraram contra o edifício que eles supunham ser a origem da bala que matou Toto.

Imagen 9: Militares desfilam pelas ruas de Newark, em 15 de julho de 1967.



Disponível em: <http://newark-path-manhattan.blogspot.com/2012/02/newarks-1967-race-riots.html>

As manifestações seguiram até o dia 17 de julho de 1967. Segundo dados da Polícia de Newark (Yi, 2017), a onda de protestos resultou na morte de 26 pessoas: 16 civis, 8 suspeitos, 1 policial e 1 bombeiro. Dentre os feridos, foram 353 civis, 214 suspeitos, 67 policiais, 55 bombeiros e 38 militares. 689 civis e 811 suspeitos foram presos, e mais de 10 milhões de dólares em prejuízos foram contabilizados na cidade em valores da época. Corrigidos pela inflação, a quantia somaria 88 milhões de dólares em números atuais.

Imagen 10: Bombeiro apaga fogo em edifício. O incêndio teve início a partir de uma bomba lançada pelos manifestantes, em 14 de julho de 1967.



Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/nbcblk/50-years-later-newark-riots-recall-era-echoed-black-lives-n780856>

As revoltas de 1967 foram derradeiras na evasão das famílias brancas de Newark. Os poucos habitantes que ainda não haviam deixado a cidade, o fizeram após os sangrentos protestos. A maior parte das indústrias locais também fecharam, e o que ficou para traz foi uma cidade pobre, sem possibilidades de emprego, composta por uma população marginalizada social e economicamente. Aos poucos, as forças policiais da cidade se tornaram menos brancas, assim como a cidade se torna a cada dia mais diversa, abrigando imigrantes latinos, portugueses e muitos brasileiros.

4.3 A Newark contemporânea

Atualmente, Newark abriga 311 mil habitantes, segundo o último Censo Federal dos Estados Unidos, de 2020: 127 mil pessoas a menos do que o auge populacional da cidade, que era de mais de 438 mil pessoas, em 1950. 48% da população que vive na cidade é negra, segundo dados do Censo dos EUA. A marginalização social, principalmente após a década de 1970, tornou a cidade perigosa. Em 1996, Newark foi eleita pela revista Money como a cidade mais perigosa dos Estados Unidos, segundo dados do FBI do ano de 1995 (Fried, 1996).

A história de Newark, além de rica em seus mais de 350 anos, é crucial para a análise realizada neste trabalho. As construções narrativas das obras de Philip Roth que se ambientam na sua cidade natal refletem a Newark de sua infância, carregada de imaginação e de memória, e também a cidade após os acontecimentos da década de 1960. O contraste entre a realidade factual ao longo das décadas e as descrições realizadas pelo autor em suas obras promove uma síntese no campo narrativo. De um lado, as narrativas históricas dos fatos ocorridos. Do outro lado, a narrativa literária de seus romances.



As narrativas de Newark na literatura de Philip Roth

5. As narrativas de Newark na literatura de Philip Roth

A cidade de Newark, para além de local de ambientação dos livros de Philip Roth, pode ser considerada um de seus principais personagens. Desde a cidade em sua época de infância, cujo resgate narrativo é totalmente carregado de memória (Halbwachs, 1990), até a segunda metade do século passado, Newark marca profunda presença na obra de Roth. Para compreendermos, de modo amplo, as formas de representação que a cidade adquire na literatura do autor, é possível selecionar alguns de seus romances que representam a narrativa do escritor ao retratar a sua cidade natal.

5.1 A Newark da década de 1940

Nêmesis (2011) talvez seja a obra que melhor retrata a Newark da infância de Roth, nos anos 1940. Ao inventar uma epidemia de poliomielite durante a Segunda Guerra Mundial, Roth cria uma síntese de seus temas em seu último livro, que foi previamente anunciado como o trabalho derradeiro na sua carreira de escritor. A obra gira em torno de Bucky Cantor, um jovem inspetor infantil, vigoroso e atlético, frustrado por não pode ir para a Guerra e lutar pelo país como seus amigos. A trajetória de Bucky, um exemplo para as crianças, que cuida e as educa com dedicação, conflita com a existência de um mal – a poliomielite – que ele é incapaz de combater. No decorrer do livro, o leitor se depara com a frustração da personagem principal, que além de não conseguir evitar a proliferação da doença, acaba se tornando um vetor do vírus.

A temática da decadência e da incapacidade de ação individual, que é recorrente em muitos de seus romances, atinge seu ápice narrativo. A objetividade do livro, que tem poucas páginas – quando comparado com as outras obras do autor, que são mais prolixas – aponta em direção ao que Roth realmente gostaria de dizer, ou o que gostaria que suas obras significassem.

O sentido autobiográfico das obras de Philip Roth, que à primeira vista parece evidente, apesar da condenação do escritor àqueles que confundem as suas obras de ficção com os fatos reais de sua vida pessoal, está muito presente em *Nêmesis*. A concepção de uma epidemia de poliomielite naquela época, quando não haviam vacinas para a doença, é oriunda de uma preocupação real de seus pais durante a infância do autor:

A ameaça da doença assombrara a infância de Roth - ou melhor, visto que matava principalmente crianças, assombrara os pais de Roth durante a infância de Philip, como à maioria dos pais da época. Roth lembra-se de que ele e Sandy, saudáveis e bem protegidos, não acreditavam que nada de muito grave pudesse lhes acontecer. (PIERPONT, 2015, p.436)

A construção da narrativa de Newark no último livro de Roth é totalmente carregada das memórias de infância do autor. As descrições dos bairros, dos grupos de crianças filhas de imigrantes, das atividades por elas realizadas e até mesmo das ruas da cidade estão presentes. Até as condições geográficas e climáticas da região, que a tornaria favorável para a existência da epidemia, são abordadas logo no início do livro.

As descrições precisas das ruas de Newark nos anos 40, fruto da memória, da imaginação e de entrevistas realizadas pelo escritor com moradores antigos da cidade, se destacam:

A rua Fabyan era a última da cidade antes da linha férrea dos depostos de madeira que separavam Newark de Irvingan. Tal como as outras ruas residenciais perpendiculares a Avenue Chancellor, tinha casas de madeira de dois andares e meio, com degraus de tijolos conduzindo ao alpendre e minúsculos quintais nos fundos, sendo separadas por entradas estreitas de cimento que davam acesso as pequenas garagens. Nas calçadas, diante de cada casa havia uma jovem árvore de sombra plantada pela prefeitura na última década, todas parecendo agora ressequido após semanas de temperaturas torridas e nenhuma chuva. Nada na rua limpa e tranquila indicava a presença de uma enfermidade ou infecção. Nas janelas de todas as casas os estores haviam sido baixados ou as cortinas fechadas para manter fora o calor violento. (ROTH, 2011, p.34)

Além das descrições do ambiente e do urbanismo da cidade naquela época, Roth também se apega aos costumes dos habitantes daquela região. A vasta presença de homens com cicatrizes no rosto - ou narizes quebrados – por conta de brigas com antisemitas choca em uma primeira leitura, mas fazia parte do ambiente em que o autor fora criado. No próprio desenvolvimento de *Nêmesis*, as rixas entre os bairros, que abrigavam jovens com diferentes origens, são retratadas:

Certa tarde, no começo de julho, dois carros cheios de italianos do ginásio East Side, rapazes entre quinze e dezoito anos, estacionaram no alto da rua residencial que contornava os fundos do pátio de recreio. O East Side ficava no bairro de Ironbound, uma área de fábricas e cortiços onde até então havia sido registrado o maior número de casos de pólio. Tão logo o sr. Cantor os viu, largou a luva no chão - ele defendia a terceira base numa de nossas peladas - e deu uma corridinha até o lugar onde se encontravam os dez estranhos saídos dos carros. Seu estilo atlético de correr, com os pés virados para dentro, era imitado por todos os garotos que frequentavam o pátio, como também o modo decidido de elevar ligeiramente o corpo quando se movia quase na ponta dos pés e o leve balanço dos ombros musculosos ao andar. Toda a sua postura se tornara um modelo para alguns dos garotos tanto dentro quanto fora do campo de beisebol. (ROTH, 2011, p.17)

A partir da invenção de uma epidemia de poliomielite, o destino fatal das crianças de Newark se concretizou no romance. Aos poucos, o medo dos pais de Philip Roth nos anos 1940 – a presença de um mal para o qual não há cura – foi de fato justificado. Em um primeiro momento, há o impacto de uma temática tão - no mínimo - trágica para uma obra que encerra uma carreira de extremo sucesso de um escritor consagrado. Entretanto, a compreensão geral do que o autor deseja dizer com ela surge aos poucos: este livro pode ser considerado até mesmo uma fábula (Pierpont, p. 445), uma história com uma finalidade moral.

O terror sanitário que tomava as ruas da Newark de 1944, na infância do escritor, finaliza suas criações literárias, e o local escolhido não poderia ser diferente. Roth descreve o cortejo fúnebre de uma das crianças vítimas da poliomielite, o menino judeu Alan. Uma personagem que compartilhava as mesmas experiências que o escritor vivia na sua infância:

Desceram a rua Schley e, dobrando à esquerda, iniciaram a longa subida da avenida Chancellor, passando pela farmácia do tio de Alan na direção das escolas primária e secundária no alto da colina. Não havia quase tráfego - a maior parte das lojas estava fechada naquela manhã de domingo, com exceção da de Tabatchnick, que atendia aos amantes de peixe defumado; das tabacarias, que vendiam os jornais dominicais; e da padaria, onde eram comprados os bolos de café e as bagels para o café da manhã. Em doze anos, Alan teria estado naquela rua mil vezes, indo e voltando da escola e do pátio de recreio, apanhando alguma coisa para sua mãe, encontrando-se com os amigos no Halem's, subindo e descendo a colina até o parque Weequahic para pescar, patinar no gelo ou remar no lago. Agora atravessava a avenida Chancellor pela última vez à frente de um cortejo fúnebre e dentro daquela caixa. Se este carro está um forno, pensou o sr. Cantor, imagine dentro daquela caixa. (ROTH, 201, p.54)

5.2 A Newark da década de 1920

Além de *Nêmesis*, outra obra em que as experiências de infância de Philip Roth se destacam em seus livros é no romance *Casei com um Comunista* (2000). Neste trabalho, que compõe a sua tríade de livros voltados às questões norte-americanas em diferentes eras dos EUA, a personagem principal é Ira Ringold. Irmão do professor de inglês do narrador e *alter ego* do escritor, Nathan Zuckerman, e uma espécie de mentor de Zuckerman em sua juventude. Ira se envolve com o Partido Comunista Americano durante a Guerra Fria, e mais especialmente durante o período do Macarthismo, marcado pelo caça aos comunistas.

Enquanto Nathan - assim como Roth - foi criado em Newark, Ira e seu irmão Murray, o professor de inglês de Nathan, também viveram na cidade, que é descrita várias vezes ao longo do livro. Mas, diferentemente de *Nêmesis*, para além das narrativas da cidade de infância de

Roth – que também era a cidade da infância de Nathan – há a abordagem da cidade em outras eras: a Newark dos anos 1920, na infância de Ira, e a Newark do pós-guerra, marcada pela decadência econômica, pela migração da população negra vinda do Sul, pelas revoltas de 1967 e pela violência que se seguia de tudo isso.

Um trecho que se destaca na narrativa de Roth sobre a Newark dos anos 1920 é baseada em uma história da cidade que de fato aconteceu. Emilio Russomano, um sapateiro, era dono de um canário pelo qual tinha enorme carinho, chamado Jimmy. O animal morreu após ingerir uma semente de melancia, e seu dono promoveu um imenso funeral em sua homenagem (PRPL, 2023). Ocorrido em 4 de agosto de 1920, o evento contou com bandas de metais com 15 músicos e 4 carregadores de caixão. A narração de Roth em seu livro, baseada na história popular de Newark, é longa. Todavia, demonstra com maestria sua dedicação em narrar as histórias de sua cidade natal. Neste trecho, Murray Ringold conta a história do funeral do canário para Nathan Zuckerman:

“Conhece a história do enterro do canarinho no antigo Primeiro Distrito, quando um sapateiro resolveu sepultar seu canarinho de estimação? Isso vai mostrar a você até que ponto Ira era durão — e até que ponto não era. Aconteceu em 1920. Eu tinha treze anos e Ira, sete, e na rua Boyden, algumas ruas depois de nossa casa de cômodos, havia um sapateiro, Russomano, Emidio Russomano, um homem muito velho, de aparência ruim, miúdo, de orelhas grandes, cara esquelética, barba branca no queixo e, nas costas, um paletó puído de uns cem anos de idade. Para lhe fazer companhia em sua oficina, Russomano tinha um canarinho de estimação. O canarinho se chamava Jimmy e Jimmy viveu muito tempo, e um dia Jimmy comeu alguma coisa que não devia e morreu.

“Russomano ficou arrasado, então contratou uma banda de música, alugou um carro funerário e dois coches puxados por cavalos e, depois que o corpo do canarinho ficou estendido sobre um banco para ser velado na oficina do sapateiro — lindamente enfeitado com flores, velas e um crucifixo —, houve um cortejo fúnebre pelas ruas de todo o bairro, passaram pela mercearia do Del Guercio, onde vendiam mariscos na porta, em cestos de trinta e cinco litros, e tinha uma bandeira americana na janela, passaram pela quitanda do Melillo, pela padaria do Giordano, pela Padaria Italiana Casquinha Gostosa do Arre. Passaram pelo açougue do Biondi e pelo salão de beleza do De Lucca, pela oficina de carros do De Carlo e pela cafeteria do D’Innocenzio, pela sapataria do Parisi, pela loja de bicicletas do Nole e pela latteria do Celentano, pelo bilhar do Grande, pela barbearia do Basso, a barbearia do Esposito, e pela banca do engraxate com as duas velhas cadeiras todas manchadas, em cima de um palanque que os fregueses tinham de escalar para poder sentar.

“Tudo já desapareceu faz quarenta anos. A cidade pôs abaixo todo aquele bairro italiano em 53, para abrir espaço para prédios baratos de muitos andares, com elevador. Em 94, implodiram os edifícios diante

das câmeras de tevê em cadeia nacional. Nessa altura, ninguém morava lá fazia vinte anos. Inabitáveis. Agora, não existe nada ali. A igreja de Santa Lúcia e só. Foi só o que ficou de pé. A igreja paroquial, mas não existe paróquia nem paroquianos.

“O Café do Nicodemi na Sétima Avenida, o Café Roma na Sétima Avenida e o banco D’Auria na Sétima Avenida. Foi o banco onde, antes de estourar a Segunda Guerra Mundial, abriram um crédito para Mussolini. Quando Mussolini ocupou a Etiópia, o padre fez tocar os sinos durante meia hora. Aqui na América, no Primeiro Distrito de Newark.

“A fábrica de macarrão, a fábrica de artigos de decoração, a loja de estátuas, o teatro de marionetes, o cinema, as pistas de bocha, a sorveteria, a gráfica, os clubes e os restaurantes. Passaram pelo reduto do chefe mafioso Ritchie Boiardo, o Café Victory. Na década de 30, quando Boiardo saiu da prisão, construiu o Vittorio Castle na esquina das ruas Oito e Summer. Gente do teatro e do cinema vinha de Nova York para jantar no Castle. Foi no Castle que Joe DiMaggio comeu quando veio a Newark. Foi no Castle que DiMaggio e sua namorada fizeram sua festa de noivado. Era do Castle que Boiardo comandava todo o Primeiro Distrito. Ritchie Boiardo governava os italianos do Primeiro Distrito e Longy Zwillman governava os judeus no Terceiro Distrito, e esses dois gângsteres viviam em guerra.

“Passaram por uma porção de bares dos arredores, a procissão fúnebre serpenteou de leste a oeste, seguia para o norte por uma rua, descia para o sul na rua seguinte, todo o caminho até o Balneário Municipal na avenida Clifton — o acidente arquitetônico mais extravagante do Primeiro Distrito, depois da igreja e da catedral, o imponente balneário público aonde minha mãe nos levava para tomar banho, quando éramos bebês. Meu pai também ia lá. Ducha grátis e um centavo por uma toalha.

“O canarinho foi colocado num caixãozinho branco com quatro pessoas para carregar. Uma multidão enorme se reuniu, talvez umas dez mil pessoas se aglomeraram no caminho do cortejo. As pessoas se espremiam nas escadas de incêndio e no alto dos telhados. Famílias inteiras se debruçavam nas janelas das casas de cômodos para observar. “Russomano ia no coche logo atrás do caixão, Emidio Russomano chorava enquanto todo mundo no Primeiro Distrito ria. Alguns riam tanto que se atiravam no chão. Não conseguiam ficar em pé de tanto rir. Até os homens que carregavam o caixão riam. Era contagiente. O cara que conduzia o carro fúnebre ria. Por respeito pelo homem de luto, as pessoas na calçada tentavam prender o riso até que Russomano tivesse passado, mas era hilariante demais para a maioria, sobretudo para as crianças. (ROTH, 2000, p.87 a 90)

Philip Roth compartilhou, em uma palestra no ano de 1999, que esse episódio foi o mais satisfatório de escrever em toda a sua carreira até então (PRPL, 2023), pois ele se lembrava de seu pai, Herman, contando essa história para ele enquanto era uma criança. O resgate da memória da cidade se alia à memória pessoal do escritor, com pitadas de nostalgia.

5.3 A Newark da segunda metade do Século XX

Mais do que as narrativas de Newark do começo do Século XX, *Casei com um Comunista* também narra outra época da cidade muito abordada nos livros de Roth: a Newark após o *White flight*, e após as revoltas de 1967. Murray Ringold, o professor de inglês aposentado, conta para Nathan que sua esposa, Doris, foi morta por assaltantes na frente de sua casa, após a violência tomar conta do local:

Parti de Newark depois que Doris foi assassinada. Ela foi assassinada, Nathan. Do outro lado da rua, em frente a nossa casa, quando voltava do hospital. Eu não ia mudar de cidade, entende? Eu não ia deixar a cidade onde vivi e dei aula a vida inteira só porque agora era uma cidade pobre, de negros, cheia de problemas. Mesmo depois dos grandes distúrbios de rua, quando Newark ficou vazia, nós permanecemos na avenida Lehigh, a única família branca que ficou. Doris, com os problemas de coluna e tudo o mais, voltou a trabalhar no hospital. Eu dava aula na Zona Sul. Depois que fui reintegrado ao serviço, voltei para Weequahic, onde, já nessa altura, dar aula não era nenhum piquenique e, depois de alguns anos, me perguntaram se eu não queria assumir o departamento de inglês na Zona Sul, onde a situação era pior ainda. Ninguém conseguia ensinar nada àquelas crianças negras, por isso pediram para mim. Passei meus últimos dez anos lá, até me aposentar. Não dava para ensinar nada para ninguém. Mal dava para conter a baderna, muito menos ensinar. Cuidar da disciplina, nisso se resumia todo o trabalho. Cuidar da disciplina, patrulhar os corredores, dar esporro até que algum garoto metesse um murro na gente, e expulsar alunos. Os piores dez anos da minha vida. Pior do que quando fui despedido. Eu não diria que a decepção foi devastadora. Eu tinha uma ideia da realidade da situação. Mas a experiência foi devastadora. Brutal. Devíamos ter nos mudado de lá, e não mudamos, esta é a história. (ROTH, 2000, p.414)

No romance de Roth, Murray resiste ao movimento de evasão praticado pelos outros moradores de classe média. Sua determinação em não abandonar Newark em direção aos subúrbios gera consequências, como a morte de sua esposa e a incapacidade de dar aulas como gostaria. O sentimento de resistência - de vontade de permanecer na cidade mesmo após suas graves transformações - também acomete outro personagem de Roth: o Sueco Levov, de *Pastoral Americana* (1998). Dono de uma fábrica de luvas que herdou de seu pai, Levov tenta ao máximo manter sua empresa em seu local de origem. Decisão corajosa, especialmente após as manifestações de 1967:

Sua família mantivera a fábrica em atividade em Newark durante um tempo bem longo; em virtude da noção de dever em relação aos empregados antigos, a maioria dos quais eram negros, o Sueco aguentara ainda seis anos após os distúrbios de rua de 1967, tocará

adiante o seu negócio, se contrapondo à realidade econômica da indústria em geral, bem como às imprecações do seu pai, enquanto foi humanamente possível, mas quando constatou que não podia mais deter a erosão da qualidade da mão de obra, que se deteriorara acentuadamente desde os distúrbios de rua, ele desistiu, conseguindo escapar mais ou menos ileso do colapso da cidade. Tudo o que a fábrica Artigos de Couro para Senhoras Newark sofreu nos quatro dias de distúrbio foram apenas algumas janelas quebradas; não obstante, a cinquenta metros do portão da fábrica, diante do seu galpão de embarque, no West Market, dois outros prédios foram devastados pelo fogo e depois abandonados. (ROTH, 1998, p. 35)

Vale lembrar que logo na estreia literária de Roth, com *Adeus, Columbus* (2006), em 1959, Newark já havia passado por muitas transformações no que se refere à sua população. O êxodo da classe média para os subúrbios e a chegada da população afro-americana já estava em curso, como demonstra o gráfico demográfico da cidade (Imagen 6). Assim, mesmo que resgate o que Newark um dia foi, a contemporaneidade da escrita de Roth sempre convivia com a realidade factual, que era a de uma cidade praticamente abandonada.

Em sua novela de estreia, a menção às mudanças no cenário urbano de Newark já estava presente. De fato, a temática dos judeus, característica marcante do início da carreira de Roth, era apresentada em contraste com os novos moradores dos bairros antes ocupados pelos imigrantes judaicos:

A Pias de Cozinha e Banheiro Patimkin ficava no coração do bairro negro de Newark. Anos atrás, no tempo da grande imigração, era ali que moravam os judeus, e ainda restavam algumas pequenas peixarias, delicatéssens kosher e banhos turcos, onde meus avós faziam compras e se banhavam no início do século. Até mesmo os cheiros permaneciam: salmão, corned beef, tomate azedo - mas agora, sobrepondo-se a esses odores, impunha-se a catinga forte e gordurenta das oficinas de desmonte, o fedor ácido de uma cervejaria, o cheiro de queimado de uma fábrica de couro; e nas ruas, em vez de iídiche, ouviam-se os gritos de crianças negras imitando Willie Mays com um cabo de vassoura e meia bola de borracha. O bairro havia mudado: os judeus velhos, como meus avós, haviam trabalhado muito e morrido, e seus filhos haviam trabalhado muito e prosperado, e foram se mudando cada vez mais para longe, para o oeste, em direção à divisa de Newark, até que saíram da cidade e subiram a encosta dos montes Orange, chegando ao cume e começando a descer a outra encosta, se espalhando por território gentio tal como os escoto-irlandeses haviam se espalhado através da garganta de Cumberland. Agora, na verdade, os negros estavam fazendo a mesma migração, seguindo os passos dos judeus, e aqueles que permaneciam na Third Ward viviam a mais miserável das vidas e sonhavam, em seus travesseiros fétidos, com a fragrância dos pinheiros das noites da Geórgia. (ROTH, 2006, p.91)

Estes trechos, apesar de representarem uma pequena parte da produção de Philip Roth, apresentam as narrativas por ele realizadas sobre Newark em diferentes épocas: nas décadas de 1920 e 1940, no pós-guerra e após as revoltas populares de 1967. As relações entre as diferentes populações e povos que compartilham o mesmo espaço ao longo da história contribuem para a cultura da cidade e para sua construção enquanto lugar de memória.



Philip Roth Personal Library

6. Philip Roth Personal Library

No ano de 2016, pouco antes de sua morte, em 22 de maio de 2018, Philip Roth anunciou que doaria seu arquivo pessoal, composto por livros, móveis, manuscritos, discos e outros itens para a Biblioteca Municipal de Newark. Além da doação do seu acervo, alimentado desde a década de 1950 pelo autor, Roth doou também 2 milhões de dólares para a biblioteca, para custear a construção do espaço dedicado ao seu arquivo.

Como resultado, em junho de 2021 (Harris, 2021), a Philip Roth Personal Library foi inaugurada em um prédio anexo à Biblioteca Municipal de Newark. O espaço, idealizado por Roth, serve de abrigo para seus 7 mil livros, aproximadamente. As mais diversas obras, com diferentes temáticas, idiomas, edições e nacionalidades adquiridos pelo escritor ao longo de sua vida voltaram para sua cidade natal.

Imagen 11: Estantes cheias de livros de Roth em seu Acervo Pessoal, em Newark



Disponível em: <https://www.cgpartnersllc.com/projects/the-philip-roth-personal-library/>

Além de seus livros, o acervo construído em sua memória em Newark contém itens pessoais, como máquinas de escrever e cadeiras, além de objetos colecionados pelo escritor ao longo dos anos, muitos deles relacionados à cidade.

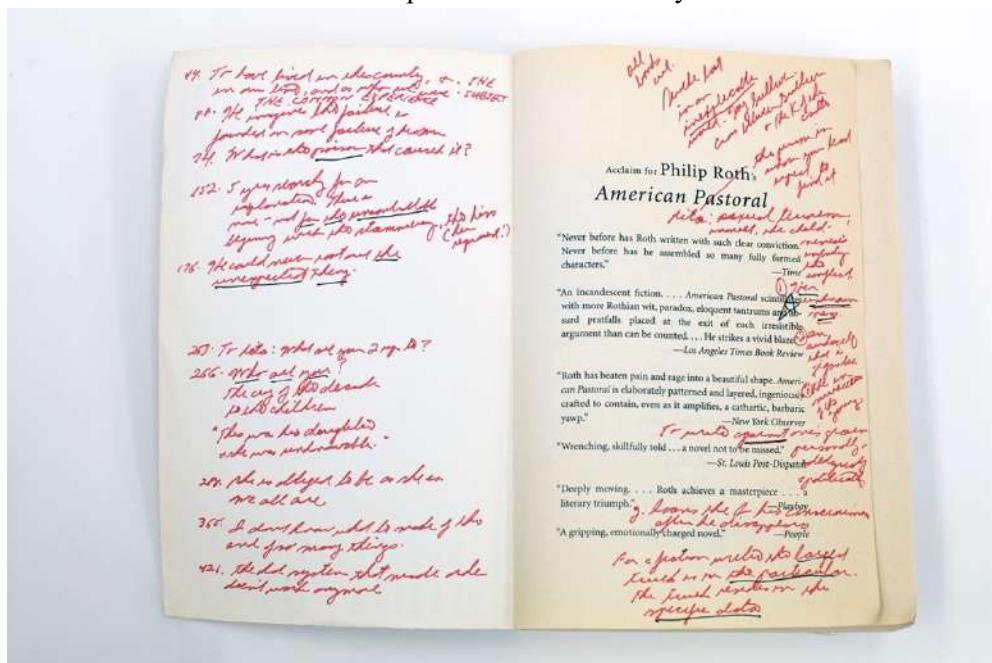
Imagen 12: Máquina de escrever da Olivetti, utilizada por Roth, e que faz parte de seu acervo pessoal



Fonte: Vincent Tullo, Disponível em:<https://www.nytimes.com/2021/06/07/books/philip-roth-newark-library.html>

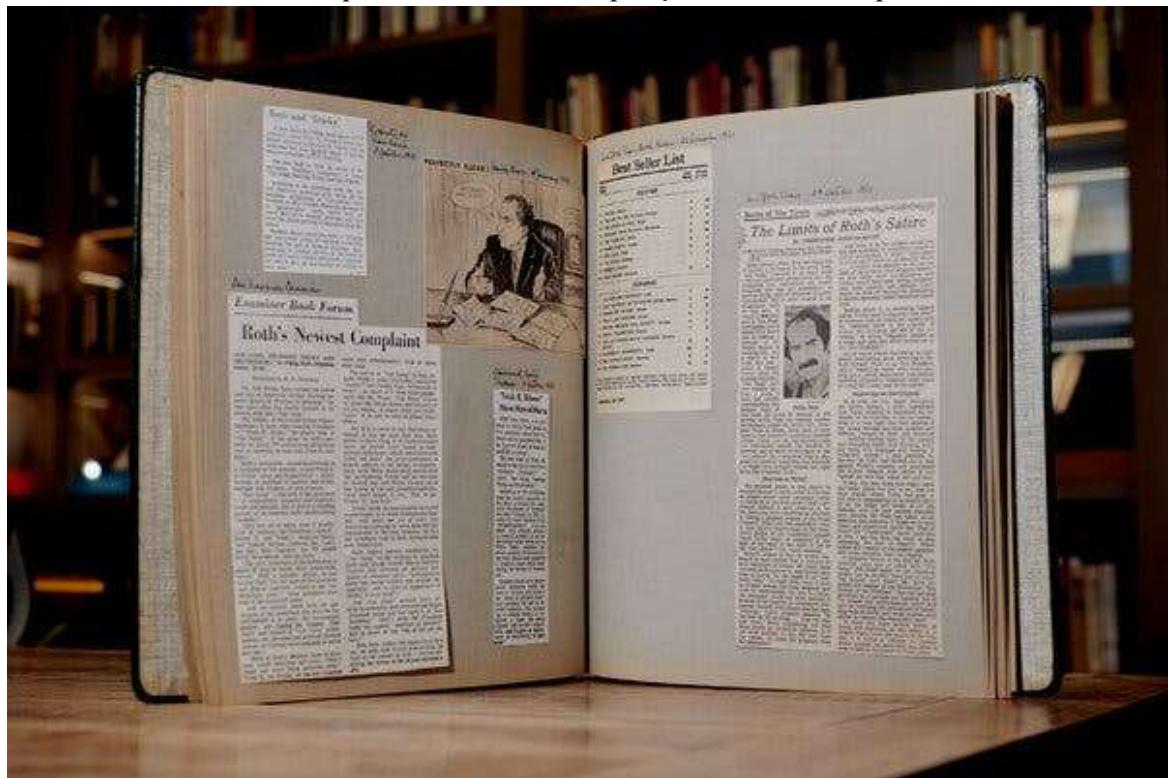
A biblioteca oferece a oportunidade para leitores e pesquisadores de entrarem em contato direto com o acervo de autor, composto por muitos livros com anotações e pensamentos de Roth. Inclusive em seus próprios livros, o escritor tinha o hábito de fazer observações escritas sobre a obra.

Imagen 13: Edição anotada por Roth de seu próprio livro, Pastoral Americana, que está em exposição na Philip Roth Personal Library



Disponível em: <https://www.prpl.npl.org/about>

Imagen 14: Álbum feito pela mãe de Philip, Bess Roth, com trechos de jornal que falam sobre o escritor, e que também está em exposição no seu acervo pessoal



Fonte: Vincent Tullo, Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/06/07/books/philip-roth-newark-library.html>

Imagen 15: Itens pessoais de Roth em exposição, como Prêmio Nacional de Humanidades que ele recebeu do então Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em 2011



Disponível em: <https://www.cgpartnersllc.com/projects/the-philip-roth-personal-library/>

Quando perguntado o porquê da escolha da Biblioteca Municipal de Newark como o destino para a doação de todo seu arquivo pessoal, pouco antes de sua morte, Roth foi enfático. A fala do autor a esse respeito se encontra na íntegra no site do seu acervo na internet, que ostenta com orgulho os motivos apontados pelo escritor na sua escolha. A tradução do texto original em inglês é nossa:

Minha decisão de localizar minha biblioteca pessoal em Newark e, especificamente, na Biblioteca Pública de Newark foi determinada por um antigo sentimento de gratidão à cidade onde nasci em 1933 e onde fui criado no bairro Weequahic em meados do último século. Tive uma infância feliz aqui. Morei durante meus anos escolares em casas de duas famílias e meia, primeiro na Summit Avenue até os nove anos e depois na Leslie Street enquanto estava terminando a escola primária na Chancellor Avenue e depois disso frequentei a Weequahic High, apenas alguns anos depois, a quarteirões de distância da minha casa.

Minha biblioteca durante aqueles anos era o que então se chamava Osborne Terrace Branch da Biblioteca Pública de Newark. A partir da 6^a série, eu caminhava ou andava de bicicleta até a biblioteca filial algumas vezes por mês para pegar um monte de livros para ler por prazer. Principalmente eram romances, no início os grandes livros de beisebol de John R. Tunis e as histórias marítimas de Howard Pease, mais tarde os quadrinhos de Nathaniel Benchley e S.J. Perelman e as reportagens de guerra de Ernie Pyle e do cartunista de frente de batalha Bill Mauldin, mais tarde as sátiras contundentes de Philip Wylie e os romances históricos de tendência esquerdista de Howard Fast, eventualmente aos dezesseis e dezessete anos, as extravagâncias rapsódicas e hipnoticamente intensas de meu primeiro herói literário — naqueles anos, o primeiro herói literário de todos — Thomas Wolfe. Todo esse tesouro e muito mais no pequeno Osborne Terrace!

Passei meu primeiro ano de faculdade no que era então chamado de Newark Rutgers — dois pequenos prédios, um na Rector St. e outro na Washington Pl., cujo minúsculo campus, se é que se pode chamar assim, era compartilhado pelos alunos com todos os outros. Passando por Newark, ficava o Washington Park. De frente para o parque, no lado noroeste, ficava a grande fachada da biblioteca principal, com seus milhares e milhares de livros e suas estantes abertas gloriosamente convidativas, onde você podia sentar-se no chão duro de um corredor estreito entre as paredes de estantes e encontrar ali, na sua frente e atrás de você, acima e abaixo de você, não apenas o livro que você procurava, mas dezenas de outros sobre o mesmo assunto dos quais você nunca tinha ouvido falar. Você poderia ficar sentado ali se empanturando de assunto até não aguentar mais ficar enfiado no chão e

carregar tantos livros quanto conseguisse para o seu lugar em uma mesa na sala de leitura.

Durante aquele primeiro ano em Newark Rutgers, durante as muitas horas diárias em que eu não tinha aulas, as estantes, a sala de referência e as salas de leitura da biblioteca principal eram onde eu acampava quando queria um lugar tranquilo para ficar sozinho. Ler ou estudar ou procurar algo. Era minha outra casa em Newark. Minha primeira outra casa.

Eu pergunto a você, onde mais minha biblioteca pessoal deveria estar localizada?

(Disponível em: <https://www.prpl.npl.org/roth>)

6.1 Os arquivos pessoais como fonte de narrativas

Os arquivos pessoais, como o de Philip Roth, podem constituir uma fonte de memória coletiva, para além da representação da trajetória e dos pensamentos do proprietário do acervo. É o que propõe Laurent Vidal (2007), recuperando o conceito de Halbwachs (1990). Para ele, a reunião de itens de um único indivíduo pode exprimir a história de um grupo, de uma comunidade, que compartilha as mesmas memórias do sujeito criador do acervo.

A própria consideração da memória como um esforço, um resgate proposital e intencional do passado, relaciona o que se lembra individualmente e em grupo, já que a memória coletiva causa impacto nos indivíduos. Vidal propõe que, apesar de se limitar a um único sujeito, a análise dos arquivos pessoais, além de ser relacionada com a memória coletiva em sua própria construção, também pode vir a alterá-la – por meio da memória que se constrói a partir do arquivo.

Neste caso, o acervo pessoal de Philip Roth – estabelecido na Philip Roth Personal Library – contribui para a memória coletiva de Newark, e, por consequência, para as narrativas do local. É claro que, enquanto romancista, Roth foi impactado pela memória coletiva do meio em que foi criado – como na narração do episódio do funeral do canarinho. Entretanto, suas próprias considerações acerca da cidade, mesmo que privadas e não publicadas em seus livros, são divulgadas a partir do momento em que seu acervo se torna público.

É isso que também indica a bibliotecária Nadine Giron, coordenadora da Philip Roth Personal Library desde sua abertura, que gentilmente concedeu uma entrevista para a realização deste trabalho. Para ela, a presença dos objetos e livros de Roth podem promover novas e diferentes narrativas acerca da cidade de Newark. Além da contribuição, até certo ponto passiva, de expor o acervo do escritor, a biblioteca também contribuiativamente para essa construção narrativa e memorial - por meio de eventos, concursos literários e apoio a pesquisadores que se dedicam ao estudo do autor e da sua cidade natal.



Entrevista com Nadine Giron e Nancy Shields

7. Entrevista com Nadine Giron e Nancy Shields

Em entrevista realizada de forma online em novembro de 2023, a bibliotecária Nadine Giron, que trabalha na Biblioteca Municipal de Newark desde 2007 e é coordenadora da Philip Roth Personal Library desde sua inauguração, e a assistente da Biblioteca, Nancy Shields, uma jornalista aposentada de Nova Jérsei, compartilham seus pensamentos sobre o acervo de Roth, sobre sua importância histórica e seu potencial enquanto criador de narrativas.

Entrevista com Nadine Giron e Nancy Shields, realizada no dia 9 de novembro de 2023.

Transcrita do original em inglês, com traduções nossas para o português:

Entrevistador: “Eu gostaria, em primeiro lugar, se vocês duas pudessem se apresentar. Como vocês se relacionam com a biblioteca e com Philip Roth?”

Nadine Giron: “Sou Nadine Giron e administro a biblioteca pessoal de Philip Roth desde sua inauguração. Eu me envolvi logo após a morte de Philip Roth e organizei a coleção. E depois que a biblioteca foi instalada, tenho ajudado acadêmicos e administrado programas, e amanhã é meu último dia aqui.”

Entrevistador: “É seu último dia?”

Nadine Giron: “Sim.”

Nancy Shields: “Meu nome é Nancy Shields. Sou repórter de jornal aposentada, mas há muito tempo queria trabalhar na Biblioteca Pública de Newark. E sou assistente de Nadine há cerca de um ano.”

Entrevistador: “Então, vamos começar as perguntas. Como moradoras de Newark, como vocês acham que os livros escritos por Roth podem oferecer ao público em geral uma narrativa da cidade? Você consegue relacionar a cidade que ele descreve em seus livros com a Newark contemporânea?”

Nadine Giron: “Para essa pergunta, escrevi algumas notas. Quero ressaltar que nenhuma de nós é residente de Newark, então trabalhamos aqui na cidade, mas não moramos aqui. Essa pergunta se relaciona através dos jovens. Por exemplo, existe faculdade próxima. Chama-se

NJIT, o Instituto de Tecnologia de Nova Jersey, e há uma aula lá chamada Narrativas de Newark. E o professor, John Curley, ensina livros de autores de Newark. E dois dos livros de Roth estão no programa do curso. Então eles leram Nêmesis e leram Pastoral Americana. E eles têm que escrever um artigo sobre isso. E então parte da aula é que eles vêm aqui para um tour. Então, todo semestre eles vêm fazer um tour, eles passam cerca de uma hora aqui. Eles aprendem mais sobre Newark e entendem como era Newark nos anos 30 e 40.

“E também cobrimos o tópico de Newark e dos clubes do livro, porque já fizemos sobre Nêmesis e fizemos sobre Pastoral Americana. Então falamos muito sobre Newark. Embora muita coisa tenha mudado em Newark, incluindo mudanças populacionais, imigração, construção de novos edifícios, ruas mudaram de nome e até mesmo o parque em frente à biblioteca, Washington Park, que agora se chama Harriet Tubman Square, temos um grande interesse em história. Além da biblioteca, há uma Sociedade Histórica de Newark. Eles costumam ter programas aqui na biblioteca. Há também uma empresa de turismo chamada “Have You Met Newark?” E eles têm passeios de ônibus e oferecem um “passeio de Philip Roth”. Existem marcos históricos por toda a cidade, muitos programas históricos.

“Portanto, embora algumas coisas tenham mudado, algumas coisas não mudaram. Se você olhar este mapa que criamos da Newark de Philip Roth, muitas das igrejas, embora não sejam mais igrejas, estão preservadas. Estação Broad Street, a estação ferroviária não mudou muito. A biblioteca e o museu ainda servem com muito orgulho aos habitantes de Newark e à Weequahic High School, onde Philip Roth estudou. Eles tinham um time de futebol incrível este ano, então estão sempre nas notícias. Algo que você queira acrescentar, Nancy?”

Nancy Shields: “Eu só queria acrescentar a primeira reação que tive quando vi a pergunta. Eu meio que entendi. Por exemplo, o que as crianças ou jovens que estão vindo de circunstâncias financeiras muito diferentes poderiam dizer do centro da cidade? Ou mesmo sobre o que estava ao redor do que Philip Roth viveu em seu tão querido Weequahic? Ainda assim, quero dizer, o que eu realmente aprendi quando tivemos nosso grande concurso de redação para crianças do ensino médio no inverno passado foi que em suas histórias, eu simplesmente vi e senti exatamente o mesmo.

“Você está falando de circunstâncias diferentes, mas havia pela família o mesmo amor que Philip Roth tinha pela sua na década de 1940. O mesmo, às vezes não tão seguro, às vezes tão seguro quanto, e também amor pelos lugares onde podem ir. Muitas vezes foram os parques. Eles eram apenas esses jovens, garotos do ensino médio, eles realmente adoraram a cidade. E então eu senti essa conexão que eles poderiam se relacionar com Philip Roth, o mundo dele a partir do mundo deles. Isso é o que eu estava tentando descobrir, embora não pensemos que

Philip Roth seja ensinado muito nas escolas secundárias, não é, Nadine? Não por causa de Philip Roth. Eles realmente não estão lendo. Só se eles vão para uma universidade onde é ensinado o inglês, mas não sabemos o quanto eles realmente leem Philip Roth, exceto quando vêm e pegam um livro nosso, talvez, para ler.”

Entrevistador: “E só para colocar algo mais sobre esta primeira questão, li alguns de seus livros, como Nêmesis, quando ele fala sobre a vida em seu bairro na década de 1940. E ele fala sobre as ruas, os lugares e os edifícios. Você acha que, se eu for a Newark e andar por este bairro, poderei ver o que ele está escrevendo? Ou você acha que mudou muito?”

Nancy Shields: “Quase não há como evitar isso. Porque mesmo quando voltar, ou se desaparecer, não será o mesmo. Você tem que lidar com isso. Você sabe, isso é verdade.”

Nadine Giron: “E mesmo quando ele está escrevendo sobre essas memórias, você tem que lembrar que ele era muito jovem. Então, quando ele escrevia muito isso, ele não conseguia se lembrar. Então ele entrevistava pessoas que moravam no bairro para trazer de volta essas memórias das ruas. Ele está tentando ser preciso, mas nem 100% disso é o que ele lembra.”

Entrevistador: “Ok. Obrigado. Vou para a segunda pergunta. A maioria dos livros que ele escreveu se passa na Newark do século 20, especialmente na cidade de sua infância nas décadas de 1940 e 50. Sabemos que a cidade passou por muitas mudanças desde aquela época, principalmente no que diz respeito à população que ali vive. Um de seus livros, *Pastoral Americana*, mostra exatamente essa mudança na realidade social e econômica de Newark. Você acha que a biblioteca que Roth deu à cidade pode trazer de volta a perspectiva do que a cidade era antes, além do que mostram os livros que ele escreveu?”

Nadine Giron: “Vou dizer que sim. Isso porque na área de exposição um dos nossos cases é todo sobre a história de Newark. Então, o playground onde ele foi, a casa onde ele cresceu. E toda vez que temos passeios e temos muitos passeios, passeios para faculdades e crianças do ensino médio e do ensino fundamental. E falamos sobre como aquele era um bairro muito judeu. E então, você sabe, com o tempo, as regiões mudam. Então, muitas sinagogas saíram de Newark, a população judaica, a maior parte mudou-se. Chegaram imigrantes negros e fizeram de Weequahic seu lar.

“Assim lembra a cidade de Roth, que consistia basicamente nessas pequenas cidades de diferentes grupos étnicos. Havia um bairro italiano e um bairro alemão. E embora isto tenha

mudado desde os anos 30 e 40, novas populações mudaram-se e há novos grupos étnicos. Por exemplo, há uma comunidade portuguesa muito vibrante numa secção chamada Ironbound. E depois o Distrito Norte, que tem muitos imigrantes porto-riquenhos. E embora eu saiba que estamos focados na biblioteca Roth, também quero salientar que na Biblioteca Pública de Newark há uma sala de história local. Por isso preservamos todos os tipos de documentos de arquivo sobre a história. E muitas vezes esse departamento organiza exposições. E às vezes essas exposições ficam fora da Biblioteca Philip Roth.

“Assim, as pessoas que vierem visitar a Biblioteca de Philip Roth podem ver essas outras exposições históricas para entender mais sobre a cidade. E somos visitados por muitos que viveram na mesma época que Roth. Eles nos contam tudo sobre o bairro conforme se lembram dele. E recentemente, há uma semana, tivemos nossa palestra anual de Philip Roth com o Dr. John Johnson, e toda a sua palestra foi sobre o bairro de Weequahic e memória, e como ela mudou, e como a construção de uma rodovia que cortou a seção Weequahic deslocou muitos moradores. Isso está constantemente em nossas mentes.”

Nancy Shields: “Bem, John Johnson. Ele nos surpreendeu um pouco porque realmente investigou o quanto difícil era a vida naquela época. E isso aconteceu como em todos os lugares quando os residentes negros, todo o movimento em nosso país da população negra do Sul para as cidades, de muitas maneiras as populações brancas tiveram a oportunidade de seguir os carros, saíram nas rodovias e se mudaram para os subúrbios. E a população negra, por causa do racismo, principalmente, na minha opinião, que não conseguiam sair com tanta facilidade, não conseguiam chegar à moradia, não conseguiam conseguir emprego.

“Cidadãos negros em Newark puderam se mudar para um lugar legal onde antes moravam principalmente judeus. Mas sabemos que a população judaica que ainda estava lá não havia partido. Foi difícil. Alguns ficaram ótimos e gostaram dessa diversidade, principalmente das escolas primárias, que normalmente vão da 1^a à 6^a ou da 1^a à 8^a série em nosso país. E foi assim como todas as outras cidades que passam por isso no Norte, as pessoas tiveram muitos problemas para fazer essa mudança. Eu sei que provavelmente não foi exatamente isso que você perguntou. Qual foi a pergunta mesmo?”

Entrevistador: “A pergunta era como a biblioteca pode mostrar às pessoas como Newark era antes, além do que está escrito nos livros de Roth.”

Nancy Shields: “Bem, você sabe nossa biblioteca é uma grande biblioteca que constantemente torna o passado relevante em nossos programas, nossas bibliotecas filiais, em nossa

comunidade. Estamos tornando todo esse passado relevante para as pessoas que vivem lá agora, caminhando em direção ao futuro. Essa é a missão de usar toda essa história. E você pensa sobre isso. Isso é realmente o que estamos tentando fazer com Roth. Nós realmente falamos sobre isso o tempo todo tentando torná-lo relevante. Sobre o que ele escreveu para ajudar as pessoas na cidade agora. E parece que isso pode ser difícil, mas você consegue. E está tudo bem.”

Entrevistador: “Obrigado. Passarei para a pergunta número três. Existem alguns documentos que demostram o compromisso histórico nos livros de Roth? Vamos pegar Nêmesis novamente. Nesse livro ele inventou uma epidemia, inventou uma doença em Newark, a poliomielite. Ele estava preocupado com a história real? Ele tentou inventar algo baseado na realidade ou simplesmente inventou?”

Nadine Giron: “Então, embora a epidemia que ele discute fosse fictícia porque não ocorreu naquele ano, em todo o resto ele foi muito preciso. Então, há todos esses livros sobre poliomielite e todos esses livros sobre acampamentos de verão e atividades de acampamentos de verão e, claro, livros sobre a história de Newark. Quando ele sabia que estava escrevendo sobre um assunto, ele encontrava livros sobre esse assunto e ia comprar os livros usados. E então, quando isso não foi suficiente, como alguns dos livros aqui, ele saiu da sala de história local aqui na biblioteca.

“Ele teve um ótimo relacionamento com um de nossos bibliotecários, Charles Cummings. Ele mergulhava em artigos de jornal e enviava correspondência para Philip Roth o tempo todo com artigos históricos. E na verdade as pesquisas que ele fez Nêmesis eu tenho aqui na Biblioteca. A quantidade de artigos de jornal, provavelmente eram como três pastas enormes. Então essa foi uma doação recente que recebemos. Todos os artigos que aqueles bibliotecários encontraram sobre a poliomielite em Newark e enviaram para Roth, e ele leu todas essas páginas. E, claro, Roth também entrevistou pessoas. Portanto, a história e os fatos e ser o mais preciso possível era muito, muito importante para ele.”

Nancy Shields: “E esse foi apenas um de seus pontos fortes. Ele era como um jornalista querendo coisas. As coisas tinham que ser tão precisas quanto possível enquanto ele ainda era um romancista de uma história de ficção. E quando li Nêmesis, adorei caminhar por Newark, quando o personagem falava sobre ir de qualquer lugar. Qual o nome dele? Bucky. Mas no que diz respeito à precisão, também temos, escrevemos sobre isso uma vez, uma das pessoas, uma

editora, para quem ele enviava suas cópias, editava, ele fez isso com muitos de seus diferentes escritores associados.

“Em um livro, ele tem um personagem cometendo suicídio. Acho que em Casei com um Comunista. Acho que é um mero comunista pulando de um prédio. Acho que é em Nova York. E ele responde e diz, por favor, não pode ser naquele andar. Não pode ser como naquele terceiro andar ou algo assim. Ela não morreria por causa disso. Por favor, vá verificar aquele canto e veja que prédio está lá, porque teremos que torná-lo mais alto. E é isso que quero dizer, que ele realmente precisava que as coisas fossem as mais precisas possíveis, você sabe, para torná-las reais. Isso tornou tudo real.”

Nadine Giron: “Sei que estamos falando de Nêmesis, mas mesmo para a Pastoral Americana, ele foi até a última fábrica de luvas no estado de Nova York e aprendeu a fazer luvas para poder descrevê-las.”

Entrevistador: “Sim, a parte da fabricação de luvas no livro é muito longa. São quase 50 páginas sobre como fazer luvas. Vamos para a nossa quarta pergunta. Como a biblioteca pode criar outras narrativas sobre a cidade? Já que Roth foi uma criação do seu tempo e lugar, como a biblioteca pode capacitar um novo grande escritor como ele, que pode estabelecer histórias ambientadas na Newark contemporânea?”

Nadine Giron: “Fizemos muitas iniciativas excelentes nesse sentido, então muito do que fazemos se concentra em coletar histórias. Portanto, mesmo antes da inauguração da biblioteca pessoal de Roth, eu gerenciei um projeto chamado “My Newark Story”. Recebemos US\$ 2 milhões de uma doação e digitalizamos coleções históricas relacionadas a Newark. E então contratamos educadores e criamos planos de aula, fomos às escolas e organizamos oficinas de história comunitária. E encorajamos as pessoas a pesquisar a história da sua família e depois a partilhar conosco quaisquer documentos que tivessem, para que pudéssemos colocá-los no nosso arquivo digital. Então esse é um exemplo.

“Nancy mencionou um concurso de redação que patrocinamos. Recebemos quase 200 inscrições de alunos da Newark High School. E eles foram todos realmente ótimos. E as 14 principais peças, publicamos em um livreto. Então esses textos estão preservados para sempre. E qualquer pessoa pode pegar um exemplar grátis e ler essas narrativas maravilhosas. E então, no futuro, a biblioteca poderá apoiar escritores, oferecendo programas de bolsas de redação ou oficinas de redação. Já fizemos um pouco disso.

“E antes de sair, estava trabalhando no desenvolvimento de uma série de escrita com jovens. Uma espécie de série de textos motivacionais que nosso diretor queria que oferecêssemos. Então esse era um projeto que estava em andamento. Também realizamos oficinas mensais de poesia. Então as narrativas podem vir em diferentes formas, certo? Eles podem vir como um livro, uma história ou até mesmo um poema. Essas oficinas de poesia têm feito muito sucesso, e as pessoas se expressam através da palavra falada.

“E, de fato, uma das nossas poetisas que organizou o workshop publicou um livro de poesia chamado “When Women Speak” e ela é de Newark. E a maioria desses poemas é sobre Newark. Ela está trabalhando em um segundo volume e incentivando as pessoas que participam de nossos workshops a lhe darem quaisquer poemas ou palavras faladas que produzam durante os workshops. E ela vai publicar mais um volume de poesia em breve.”

Nancy Shields: “Ah, minha ideia sobre isso era um pouco diferente, então não sei se entendi, peguei um pouco a questão, como usar a narrativa como se fosse toda a narrativa da vida de Newark, da vida das pessoas em Newark, como a biblioteca está ajudando essa narrativa no futuro. E então eu só queria ver se você conseguia entender que estamos aí. Somos uma biblioteca anexa, dentro de uma biblioteca, mas na verdade fazemos parte da grande Biblioteca Pública de Newark.

“E essa biblioteca realmente faz muito com toda a história que tem ali. Muito além do nosso Philip Roth, de torná-lo relevante hoje para as pessoas de hoje. E eles são como nossos colegas. Como usar o dinheiro que Roth deixou na biblioteca para ser usado no futuro em programas porque ele se preocupava com a cidade. Manter aquela biblioteca continuando para as famílias, para as crianças. Quero dizer, ele foi embora e todo mundo saiu de Newark. Mas acho que ele realmente se importou. E ele queria que a cidade pudesse ser boa novamente. Tão boa quanto pode ser.”

Entrevistador: “Obrigado. Gostaria de fazer pergunta pessoal sobre Philip Roth. Gostaria de saber se vocês o conheceram pessoalmente e qual é o seu livro favorito dele?”

Nadine Giron: “Eu trabalhava na biblioteca quando ele ainda estava vivo. E em 2013 organizamos uma exposição em sua homenagem. E muitas vezes eu estava trabalhando no mesmo andar quando ele veio dar uma olhada. Mas não, nós nunca nos conhecemos ou conversamos, então eu nunca o conheci. Embora eu sinta que o conheci examinando a coleção e lendo sobre ele. E sobre meu livro favorito, eu acho que é *Pastoral Americana*.”

Nancy Shields: “Eu não estava na Biblioteca nessa época. Eu sou dez anos mais nova que Philip Roth, então me identifiquei muito com o que Roth gostava de ler em seus livros de beisebol, suas coisas sobre a guerra. Mas eu estava em outro mundo. Mas eu queria estar na Biblioteca Pública de Newark. E de alguma forma Nadine respondeu quando escrevi uma carta dizendo que deveria ir lá como voluntária. E eu lembro que ela disse: venha para uma entrevista. E eu encontrei uma reunião na minha igreja e disse, oh meu Deus, vou à Biblioteca Pública de Newark. E eu disse: vocês sabem, Philip Roth.

“De qualquer forma, eles não estavam tão entusiasmados com isso. Mas então eu cheguei e basicamente li cerca de 13 a 15 de seus livros. É como estar em um. Para mim, foi como fazer um curso de pós-graduação sobre Philip Roth. Meu livro favorito é *A Marca Humana* até agora, mas tenho muitos problemas com ele em relação às mulheres. Não foi fácil, mas ele é uma pessoa maravilhosa. Quero dizer, na vida ele é tão carinhoso que, você sabe, eu fiquei viciada nele. Sentirei falta dele quando não estiver lendo ele o tempo todo.”

Entrevistador: “*A Marca Humana*. É o meu favorito também. Até agora não li todos os livros que ele escreveu, mas é o primeiro que li dele. E para mim, é o meu favorito desde então.”

A partir desta entrevista, transcrita e traduzida do inglês, é possível relacionar alguns conceitos teóricos - como o de narrativas e de memória coletiva – com a sua prática. É interessante verificar que, dentre os objetivos do acervo de Roth, está justamente a promoção de narrativas memoriais e contemporâneas sobre a cidade. Objetivo que é atingido a partir dos eventos, passeios e concursos que são promovidos pela biblioteca.

Considerações Finais

8. Considerações Finais

Este trabalho foi pensado a partir de uma ideia central: oferecer um panorama narrativo a respeito da cidade de Newark. E a construção deste panorama, mesmo que à primeira vista possa parecer desconexa, se constitui precisamente nesta variedade de fontes, que oferecem, cada uma delas, um sentido diferente, mas que ao mesmo tempo se relacionam com as demais.

Essa ideia surgiu a partir da leitura de algumas obras de Philip Roth e da percepção de que o local de ambientação de seus romances significava muito mais do que uma simples cidade. A Newark de Philip Roth impacta profundamente sua literatura em muitos níveis: enquanto ambiente no qual suas memórias foram criadas, enquanto tecido social que influenciou suas experiências, enquanto representação narrativa nos seus livros e enquanto personagem frequente dos seus romances.

Entretanto, mais interessante do que perceber a influência de Newark nas obras de Roth, é enxergar como Roth influencia Newark. Essa rede de influências narrativas, que se estabelecem nos diferentes meios abordados neste trabalho – o meio biográfico do autor, o meio histórico da cidade, o meio literário dos romances e o meio comunicativo de seu acervo – só pode ser reconhecida a partir do momento em que o olhar para ela se expande.

Seria impossível realizar uma análise estritamente literária, ou estritamente histórica, ou até mesmo estritamente comunicacional que proporcionasse a dimensão buscada neste trabalho. A compreensão geral pretendida no início se apresenta gradualmente, a partir do momento em que as diferentes narrativas sobre Newark são apresentadas. Mesmo que de fontes diversas, elas mantêm uma unidade entre si, que se estabelece precisamente no seu objeto.

A entrevista realizada para este trabalho confirma essas expectativas, a partir do ponto de vista de duas pessoas que se relacionam diretamente com a cidade de Newark e convivem com Philip Roth – por meio de suas obras e de seus objetos. A percepção de Nadine e Nancy a respeito das correlações narrativas entre Roth e sua cidade natal também é fundamentada a partir de fontes diversas.

As relações entre Newark e Roth se estabelecem em diferentes meios, em uma troca onde ambos se impactam mutualmente. A cidade foi fundamental na formação do autor, enquanto seus livros promovem novas percepções a respeito do local. Essa troca é potencializada a partir da doação do acervo pessoal de Roth e da criação da sua Biblioteca Pessoal, que confere mais uma camada às narrativas da Newark de Philip Roth.

Referências

- BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.
- FREY, William. **Central city white flight: racial and nonracionol causes**. American Sociological Review, 1979.
- FRIED, Carla. **America's safest city: Amherst, NY; the most dangerous: Newark, NJ**. Money Magazine, 1996. Disponível em: https://money.cnn.com/magazines/moneymag/moneymag_archive/1996/11/27/225088/index.htm
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 2016
- HARRIS, Elizabeth. **Look inside Philip Roth's personal library**. Nova York: The New York Times, 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/06/07/books/philip-roth-newark-library.html>
- NASSAR, Paulo. Novas narrativas e memória: olhares epistemológicos. In: KUNSCH, Margarida (org) **Comunicação organizacional estratégica: aportes conceituais e aplicados**. São Paulo, Summus, 2016
- NASSAR, Paulo; COGO, Rodrigo. **Narrativas em comunicação organizacional e as interações com a memória**. Esfera, n.1. 2012.
- NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto; POMARICO, Emiliana. Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia. In SCHIED, Daiane; MACHADO; Jones; PÉRSIGO, Patrícia. **Tendências em comunicação organizacional**: temas emergentes no contexto das organizações. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019.
- NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto. **Memória, identidade e as empresas brasileiras**. In Narrativas mediáticas e comunicação: construção da memória como processo de identidade organizacional. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2018.
- NASSAR, Paulo; POMARICO, Emiliana. **Velhas e Novas narrativas**. Revista Estética v.8. São Paulo, 2012.
- NASSAR, Paulo; POMARICO, Emiliana; TAMURA, Natália. Novas narrativas de Relações Públicas: transformadoras para uma sociedade mais inclusiva e humanizada. **Comunicação e Sociedade**, v.41, n.2. São Paulo, 2019.
- PIERPONT, Claudia Roth. **Roth libertado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

- ROJAS, Rick. **Five days of unrest that shaped, and haunted, Newark**. Nova York: The New York Times, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/07/11/nyregion/newark-riots-50-years.html>
- ROTH, Philip. **Casei com um comunista**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- ROTH, Philip. **Pastoral americana**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- ROTH, Philip. **A Marca humana**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- ROTH, Philip. **O teatro de Sabbath**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- ROTH, Philip. **Adeus, Columbus**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- ROTH, Philip. **Nêmesis**. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2011
- ROTH, Philip. **Indignação**. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2011
- ROTH, Philip. **O professor do desejo**. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2013
- ROTH, Philip. **Os fatos**. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2016
- ROTH, Philip. **Complô contra a América**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2015
- ROTH, Philip. **Quando ela era boa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- ROTH, Philip. **Operação Shylock**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- ROTH, Philip. **O complexo de Portnoy**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- ROTH, Philip. **Zuckerman acorrentado**. Trad. Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2011
- PRPL (Philip Roth Personal Library). **The canary funeral in Newark, NJ**. 2020. Disponível em: <https://www.prpl.npl.org/blog/the-canary-funeral-in-newark-nj>
- TJELTVEIT, William. **Riots and rebellions: memory of Newark's long hot summer of 1967**. Hartford: Trinity College, 2020.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- VIDAL, Laurent. **Acervos pessoais e memória coletiva – alguns elementos de reflexão**. Assis: Patrimônio e Memória, v.3, 2007.
- YI, Karen. **Remembering the 26 people who died in the Newark riots**. NJ Advanced Media, 2017. Disponível em: https://www.nj.com/essex/2017/07/newark_riots_26_people_killed.html